596 · 17 MAIO

# GRANDE CONCURSO DE SÃO JOÃO D'"O TICO-TICO"

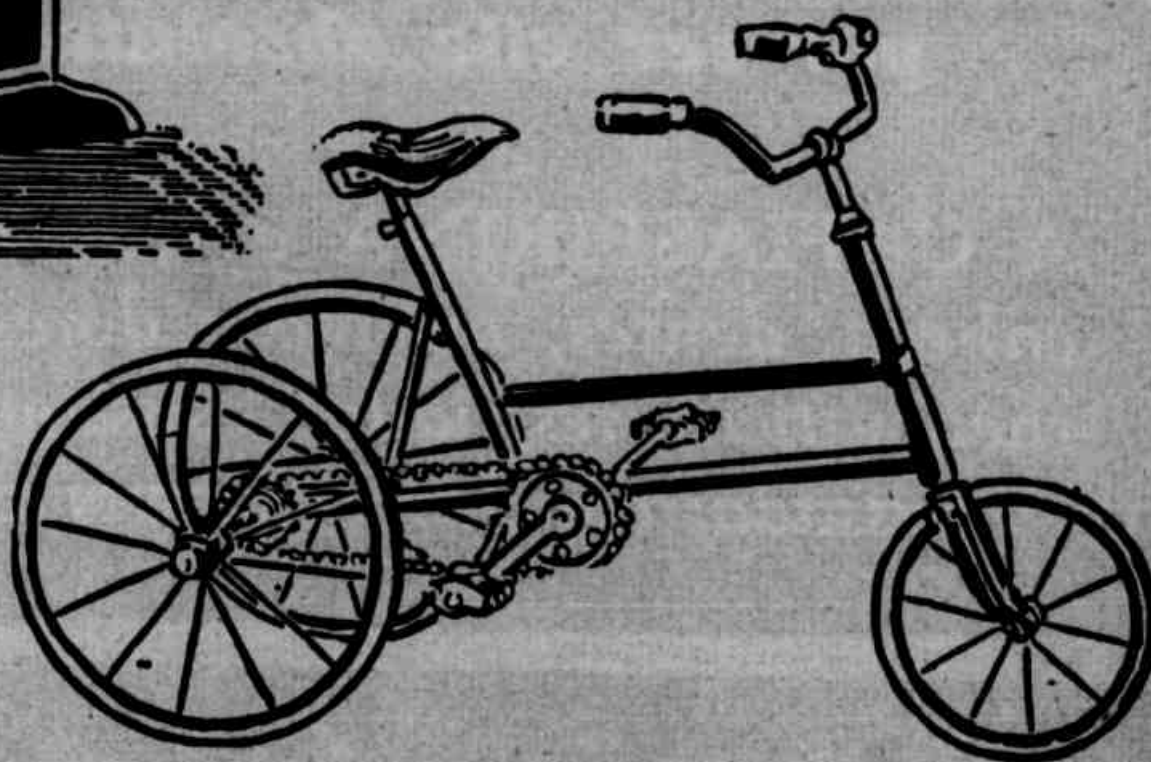
## 50 RIQUISSIMOS BRINQUEDOS

O TICO-TICO começou a publicar no seu numero de 28 de Abril as bases e o mappa do GRANDE CONCURSO DE SÃO JOÃO.



1º PREMIO — Um luxuosissimo automovel para creança, no valor de 500$000, com fortes pneus, buzina, parabrisa e todo o equipamento de um carro moderno. Este valiosissimo premio foi adquirido na Allemanha pelo "O Tico-Tico" para premio do Grande Concurso de São João. O comprimento do automovel é de mais de 1 metro, e, sem medo de errar, affirmamos não haver no mercado do Rio outro semelhante em luxo e conforto.

2º PREMIO — Uma carteira escolar. — E' este um premio, do valor de 500$000, dos mais uteis até então offerecidos pelo "O Tico-Tico". E' o movel necessario para o menino ou para a menina estudar. Mesa, banco, descanso para os pés, tinteiro, tudo com graduação, variavel, para a altura da creança. A carteira escolar é um rico movel, digno de figurar em qualquer sala e, dada como premio aos nossos leitores, representa a preoccupação que temos em cuidar do conforto e bem estar dos pequeninos estudantes.

3º PREMIO Um tricycle. — Premio de grande valor, brinquedo moderno e resistente, onde a creança se diverte e cultiva o physico. O tricycle, cuja reproducção se vê ao lado, será, estamos certos, o brinde cobiçado pelos milhares de concorrentes do Grande Concurso de São João.

O [illegible] fechando violentamente a porta atraz de'le. Seu rosto demonstrava grande perturbação. Dirigindo-se ao doutor Riero, que estava só no quarto, disse-lhe:

— Um accidente, doutor. E' urgente. Senão eu não o incommodaria a estas horas. Tenho o auto na porta.

O doutor Riero, medico de plantão essa noite no hospital, não pareceu ficar muito impressionado com a attitude do rapaz. Accendeu um cigarro. A hora em que estavam tambem não lhe deu cuidados. Como estava acostumado a tresnoitar, não se impressionou. Havia vinte annos que exercia a medicina, só tendo um amigo verdadeiro: o alcool.

— Sente-se, moço — respondeu elle ao rapaz, com admiravel "aplomb". — O senhor diz que lhe aconteceu um accidente ?

O visitante fez um gesto de assentimento. Tinha os olhos cravados nesse homem grisalho, e que nesses momentos exhalava um cheiro que não era precisamente o do chloroformio.

— Sim... Trata-se de um velho. Nós o derrubamos com o automovel que eu dirijo, emquanto iamos a toda velocidade. Mas a culpa não foi minha. Levamol-o até á sua casa que ficava perto, e até agora não conseguimos arranjar os serviços de medico algum do bairro. Elles não querem sahir depois de meia-noite. O senhor sabe... Por isso não tive outro remedio senão vir incommodal-o a essas horas, doutor.


# Para todos...

**Revista semanal, propriedade da Sociedade Anonyma "O Malho". Directores Alvaro Moreyra e J. Carlos. Director - gerente Antonio A. de Souza e Silva.**

**Assignatura: Brasil—1 anno, 18$000; 6 mezes, 25$000. Estrangeiro—1 anno, 85$000; 6 mezes, 45$000. As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e serão acceitas annual ou semestralmente. "Para todos..." apparece aos sabbados e publica, todos os annos, pelo Natal, uma edição extraordinaria.**


## Uma "Syncope Cardiaca"

Mas o medico não parecia prestar attenção alguma ao que lhe diziam. Passeava de um lado para o outro,

[illegible] nos e uma bohemia que fazia a admiração dos seus collegas, tinham-no tornado indifferente, de modo incrivel a tudo o que pudesse acontecer no mundo. Effectuava o seu trabalho quasi como um somnambulo.

Fôra um dos mais brilhantes alumnos da Faculdade de Medicina, e os que o conheceram quando era moço e que só bebia cerveja, falavam muito bem dos seus talentos.

Tranquillamente, sem a menor pressa, e depois de procurar um pouco, a bolsa dos primeiros auxilios.

O rapaz titubeava, antes de se decidir a falar.

Depois, fazendo um grande esforço de vontade, perguntou ao medico:

— No caso de ser necessario um attestado de obito, o senhor doutor não nos poderia proporcionar um ?

— Attestado de obito ?... — murmurou.

Estava agora admirado, ou cousa semelhante, o que, nelle, era muito raro. Varias vezes se vira até então envolvido em factos um tanto obscuros, nos quaes apparecia como exercendo uma participação de medico, bastante discutivel.

A seu respeito, muito se murmurára, e affirmavam que, em determinadas occasiões, não sentira nem sombra de escrupulos. Porém, a pergunta do rapaz o embaraçava. Si era preciso um attestado de obito, não poderia um outro medico proporcional-o, horas depois ? Que pressa tinha isso ? Pelo menos foi o que pensou.

que lhe possa dar um tal attestado. Teriam que fazer a autopsia... — respondeu o medico, dando a entender que "farejava" alguma cousa.

— Não faz mal, doutor. Vamos! — pediu o rapaz.

E se puzeram a caminho. Dentro do auto, o moço tornou a falar:

— Creio que mil "pesos" por attestado de obito não é pouco... Agora não temos muito dinheiro. Depois, então, veremos...

Apesar da sua embriaguez, ou devido a isto mesmo, o doutor Riero teve impetos de esbofetear o tratante que lhe falava assim. Mas o rapaz acalmou-o, dizendo-lhe um nome amigo... quem lhe indicára a sua moradia, e as horas em que poderia achal-o em casa. Esse amigo lhe assegurára que o doutor Riero seria capaz dessa "gaûchada" que o tiraria de tão grandes apuros.

Emquanto o auto deslisava por umas ruas do suburbio portenho, nesse momento solitarias e silenciosas, os escrupulos profissionaes do doutor Riero pareceram evaporar-se com o alcool que tinha no corpo. Pensava em como lhe viriam bem esses mil pesos, individado como estava. Devia até aos empregados do hospital... Além disso, tirar de apuros o amigo de um amigo...

Que diabo! Elle estava vivo... O morto que se arranjasse como pudesse, como nos toca a todos fazer, quando chega a ultima hora.

Quando o vehiculo se deteve em frente a uma casinha humilde de duas peças, apenas, uns olhos chorosos de rapariga disseram-lhe immediatamente que ali nada mais havia a fazer sinão passar o attestado de obito.



## Marco Talla

— Que pomos? — perguntou Riero, exhalando um repugnante cheiro de alcool, ao abrir a bocca.

— Ponha o que quizer... Syncope cardiaca, se lhe parece... — respondeu o rapaz.

motivo [illegible] e recebeu os [illegible]sos sem se perturbar. Contemplou a cabeça do ancião estendido no leito e, apesar da sua embriaguez, seu instincto de medico lhe fez notar logo que o rosto começava a se decompôr e que, na tempora esquerda se notava uma mancha escura, como si fosse produzida por uma pancada forte. Olhou para o rapaz e para a rapariga e notou que elles tinham adivinhado a sua observação. A moça irrompeu num amargo pranto. O morto era o seu proprio pae!

Os dois acompanharam o medico até o hospital. O rapaz não queira deixar a menina outra vez no quarto, a sós com o cadaver, na casa.

Os dois homens sentaram-se na parte da frente do auto, que o rapaz guiava.

No trajecto entre a casa e o hospital, este ultimo narrou o acontecido. O morto era guarda-nocturno e nunca voltava para a casa, antes de clarear o dia.

Elle namorava-lhe a filha ha muito tempo, e ia á casa delles todas as noites, apesar de a moça tel-o prevenido sobre o genio terrivel do autor de seus dias, e de lhe ter dito como elle ficaria furioso, si, voltando, o encontrasse ali.

Certa noite, o velho regressou antes das 24 horas. E tal foi o terror que se apoderou do seu animo ao vel-o entrar no quarto que, tomando um martello que encontrou á mão...

Nessa altura, ambos puzeram-se a soluçar.

E logo os imitou o medico, a quem o alcool e a consciencia do seu rebaixamento moral fizeram derramar outras vezes muitas lagrimas...

(Traducção de ANELÊH)

ALUMNAS DO ASYLO SANTA LEOPOLDINA, EM NICTHEROY

# Graphologia

**AVISO**

**Temos inutilizado innumeras cartas, umas escriptas em papel pautado, outras não assignadas com o nome legal, e outras finalmente, a lapis.**

**Fazemos este aviso para que os consulentes não percam mais tempo esperando respostas, e tratem de enviar outros pedidos regularmente, assignados em papel liso. O pseudonymo só é permittido para a resposta.**

---

IDOLO DE BARRO (Rio) — Como vê, não demorei em attender a distincta collega. Sua letra revela tranquilleza, generosidade, amor ao confortavel, ao luxo, mesmo, as grandes viagens. Senso artistico, um pouco de despreoccupação. Alguns traços sinistrogyros de certas letras indicam egoismo que deve ser, por certo, ciume. E' muito emotiva, de sensibilidade muito apurada. Tem resoluções promptas e firmes, e o traço com que sublinha seu nome de familia denota personalidade bem marcada. A angulosidade de algumas letras é signal de certa aggressividade, fazendo voltar ao seu logar quem pretenda se adeantar muito com qualquer familiaridade. Ha mais uma pontinha de vingança que é, aliás, "o prazer dos deuses" e... das deusas, tambem.

Terá acertado?... Diga.

FILHINHA MALUCA (Rio) — Sómente hoje posso responder sua consulta. Fico-lhe muito grato pelas phrases lisonjeiras que me dirigiu. Modificar o caracter de uma pessoa assim de repente é muito difficil. Entretanto, em vez do desprezo, que sómente poderá irrital-o, o carinho é mais provavel que o vença. E' preciso, porém, que "elle" lhe tenha um sincero e grande affecto, e que não seja fatuo ou orgulhoso, pois póde se vangloriar da sua submissão e se tornar, então, intoleravel. Si "elle" fôr accessivel e tiver um amigo que o faça comprehender o quanto anda errado a seu respeito, será meio caminho andado. Mas, veja bem: deve ser um amigo, e não uma amiga, porque poderá depois ser "advogada sem causa propria"... Comprehende? Escreva-me.

ORCHIDEA (Rio) — Grande numero das minhas consulentes pedem resposta urgente, porque tem de viajar dentro de poucos dias... Estimo, pois, que tenha retardado sua viagemzinha ao estrangeiro e essa resposta á sua amavel cartinha ainda chegue a tempo de a encontrar no Rio. Vejo na sua graphia bondade, benevolencia, doçura, mesmo, indulgencia, sem que isto exclua a energia quando se faz necessario e que a maneira de escrever a inicial do seu nome de familia é uma clara affirmação. Espirito fantasista, exaggerada, um pouco a verdade dos factos. Temperamento maleavel, accommodaticio, pelo receio de melindrar quem quer que seja. Ansia de confiar a alguem suas maguas e pezares, de "desabafar", como se diz vulgarmente, não é?

Agora muito boa viagem, e, de lá do estrangeiro, (como isto é vago... China? Japão? Patagonia?) não se esqueça de mandar noticias suas ao velho amigo Graphologo.

MELISSINDE (Rio) — Recebi as duas cartinhas, sendo que a segunda destruiu o máo effeito da primeira. Antes assim. Não perca sua força de vontade, sua coragem de vencer. Sabe que a vi na quinta-feira no Fluminense entre suas alumnas, muito compenetrada do papel de mestra? Confesso que foi difficil, ao principio distinguil-a, pois se confundia em mocidade e graça com as mais graciosas e jovens. Parabens pelo successo que alcançou.

ABELHUDO (?) — Trata-se de um espirito irrequieto, curioso, "abelhudo", mesmo, como escolheu bem para seu pseudonymo. E' franco, energico, decidido, porém, inconstante, não perseverando em cousa alguma.

Tem, entretanto, algum poder de logica e raciocinio mal aproveitados. Espirito critico, satyrico, mordaz. Certa displicencia, pouco caso do que digam de si os outros, tendo para tudo um erguer de hombros e um desdenhoso: — Ora...

MIUDINHA (Porto Alegre) — A grande margem irregular que deixou á direita do papel, é signal de que lhe falta o senso da medida. E' dissimulada, egoista, ciumenta, de amor proprio muito susceptivel, melindrando-se por pouco, como uma "sensitiva", a qual se tocasse de leve. Delicada, graciosa, um tanto exaggerada nas suas expansões. Meticulosa em tudo que faz, apesar de indecisa nas resoluções a tomar. Como todas as gentis filhas de Eva, é curiosa e cheia de vaidade e coquetteria.

Zangou-se? Desculpe.

GRAPHOLOGO.





**CHAPÉOS DA MODA**

Feltro preto guarnecido de bordado inglez. "Bakou", levantado na frente e enfeitado de "cordonnet". "Bakou", verde prata, com um cinto da mesma palha preso por fivella e incrustações de crêpe da China, verde branco. Palha e panno, como poderá ser, para o inverno que se approxima, palha e feltro fino.

# GRANDE CONCURSO DE CONTOS BRASILEIROS

"O MALHO" — que é uma das mais antigas revistas nacionaes — considerando o enorme sucesso que vem despertando entre os novos contistas brasileiros e o publico em geral, a literatura ligeira, de ficção ou realidade, cheia de interesse e emoção, resolveu abrir em suas paginas um GRANDE CONCURSO DE CONTOS BRASILEIROS, só podendo a elle concorrer contistas nacionaes e recompensando com premios em dinheiro os melhores trabalhos classificados.

Os originaes para este certamen, que poderão ser de qualquer dos generos — tragico, humoristico, dramatico, ou sentimental — deverão preencher uma condição essencial: serem absolutamente ineditos e originaes do autor.

Assim procedendo, "O MALHO" tem a certeza de poder ainda mais concorrer para a diffusão dos trabalhos literarios de todos os escriptores da nova geração, como ainda incentival-os a maiores expansões para o futuro, offerecendo aos leitores, com a publicação desses contos, em suas paginas, o melhor passatempo nas horas de lazer.

## CONDIÇÕES:

O presente concurso se regerá nas seguintes condições:

1) Poderão concorrer ao grande concurso de contos brasileiros de "O Malho" todo e quaesquer trabalhos literarios, de qualquer estylo ou qualquer escola.
2) Nenhum trabalho deverá conter mais de 10 tiras de papel almaço dactylographadas.
3) Serão julgados unicamente os trabalhos escriptos num só lado de papel e em letra legivel ou á machina em dois espaços.
4) Só poderão concorrer a este certamen contistas brasileiros, e os de preferencia, versarem sobre factos e coisas nacionaes, podendo, no emtanto, de passagem, citarem-se factos estrangeiros.
5) Serão excluidos e inutilizados todos e quaesquer trabalhos que contenham em seu texto offensa á moral ou a qualquer pessoa do nosso meio politico ou social.
6) Todos os originaes deverão vir assignados com pseudonymo, acompanhados de outro enveloppe fechado com a identidade do autor, tendo este segundo, escripto por fóra, o titulo do trabalho.
7) Todos os originaes literarios concurrentes a este concurso, premiados ou não, serão de exclusiva propriedade desta empresa, para publicação em primeira mão, durante o prazo de dois annos.
8) E' ponto essencial deste concurso, que os trabalhos sejam ineditos e originaes do autor.

## PREMIOS:

Serão distribuidos os seguintes premios aos trabalhos classificados:

1º logar............. Rs. 300$000
2º " ............. Rs. 200$000
3º " ............. Rs. 100$000
4º, 5º e 6º collocados Rs. 50$000 cada

Do 7º ao 15º collocados — (Menção Honrosa) — Uma assignatura semestral de qualquer das publicações: "O Malho", "Para Todos...", Cinearte" ou "O Tico-Tico".

Serão ainda publicados todos os outros trabalhos que a redacção julgar merecedores.

## ENCERRAMENTO:

O presente GRANDE CONCURSO DE CONTOS BRASILEIROS será encerrado no dia 28 de Junho de 1930, para todo o Brasil, recebendo-se, no emtanto, até 3 dias depois dessa data, todos os originaes vindos do interior do paiz, pelo correio.

## JULGAMENTO:

Após o encerramento deste certamen será nomeada uma imparcial commissão de intellectuaes, criticos e escriptores para o julgamento dos trabalhos recebidos, commissão essa que annunciaremos antecipadamente.

## IMPORTANTE:

Toda a correspondencia e originaes referentes a este concurso deverão vir com o seguinte endereço:

**Para o "Grande Concurso de Contos Brasileiros.**

Redacção de "O Malho", Travessa do Ouvidor, 21 — Rio de Janeiro.

# Clinica Medica de "Para todos..."

### A PRESSÃO ARTERIAL EM CONFRONTO COM A TENSÃO CEPHALO-RACHIDIANA

Estabelecer a relação que existe entre a pressão arterial e a tensão cephalo-rachidianna foi o objectivo de innumeras monographias, dadas á publicidade nos ultimos annos, — circumstancia que, nos centros de investigação medica, originou a tendencia para admittir a possibilidade de uma pesquisa concludente, sobre a pressão arterial, comparada com a tensão cephalo rachidiana.

Os resultados, todavia, não corresponderam ás esperanças dos investigadores. E, apenas, ficou exuberantemente demonstrado que, entre as duas pressões — a arterial e a cephalo-rachidiana — jámais se verificou um parallelismo constante, seja sob o ponto de vista physiologico, seja sob o ponto de vista pathologico.

As observações de **Claude**, de **Tinel** e de **Lamache**, em duzentos e cincoenta casos morbidos, unicamente constataram, entre pessoas cuja hypertensão arterial era fortissima, uma tensão cephalo-rachidiana normal, porém, num gráo um tanto elevado, ao passo que, entre os individuos atreitos á hypotensão arterial, a tensão cephalo-rachidiana, embora apresentasse um aspecto normal, evidenciava estar bastante enfraquecida.

Nenhuma das duas tensões observadas manifestou relações directas com a outra, de sorte que as modificações lentas da tensão arterial não podiam agir, sobre a tensão cephalo-rachidiana, nem esta de fórma alguma, influia sobre aquella.

Das pesquisas, sómente uma circumstancia resaltou irrefragavelmente: a modificação brusca de uma das tensões, por meio de puncção rachidiana ou de sangria, tem, sobre a outra, notavel repercussão, produzindo grande abaixamento tensional.

### CONSULTORIO

M. DE OLIVEIRA (Rio) — O doente precisa de um tratamento complexo. Pela manhã e á noite, usará um comprimido de hepatina. Durante as duas refeições principaes, tomará um pequeno copo dagua de Vichy (L'Hopital). Depois das duas refeições principaes, tomará uma colher (das de café) do "Elixir Spark". Se, apesar deste tratamento, persistirem as dôres, quando o estomago estiver vazio, usará, no momento das crises dolorosas, "Gelogastrine", — o conteúdo da medida que acompanha o vidro, dissolvendo os granulos em meio

copo dagua fria. Fará por semana, tres injecções intra-musculares, com o "Nuclearsitol Robin". Unicamente usará alimentos leves e de facil digestão.

HELIANTHO (Bello Horizonte) — Depois de cada refeição principal, use o "Triogene For". Faça, por semana, 3 injecções intra-musculares, com a "Lipocerebrine". Reapparecendo as crises de excitação nervosa, use: bromureto de ammonio 1 gramma, bromureto de stroncio 1 gramma, tintura etheria de valeriana 2 grammas, extracto fluido de mulungú 8 grammas, xarope de flores de laranjeira 30 grammas, hydrolato de melissa 200 grammas — uma colher (das de sopa), de quatro em quatro horas, tomando a ultima dóse, no momento de se recolher ao leito.

S. DE ABREU (Rio) — As injecções foram intra-musculares e dadas profundamente na região apropriada? Que espaço de tempo decorreu entre a quarta e a quinta injecção? São necessarios esses detalhes, para saber si o que relatou foi originado por um erro de technica ou por um phenomeno de anaphylaxia? Use agora: tintura de polygala 2 grammas, tintura de colchico 2 grammas, benzoato de lithina 3 grammas, extracto fluido de stygmas de milho 12 grammas, xarope das cinco raizes 30 grammas, infuso de bagas de zimbro 300 grammas, — um pequeno calice, de quatro em quatro horas. Pela manhã, em jejum, e durante as duas principaes refeições, tome um pequeno copo dagua de Vichy (Celestius). Depois de cada refeição principal, tome uma colher (das de sobremesa) do "Elixir Eupeptico de Tisy". De duas em duas noites, use os comprimidos laxativos já indicados. Sómente depois de sua resposta, poderá ser alvitrado o uso de outras injecções.

C. MARIA (Rio) — Use, pela manhã, depois do pequeno almoço, dois comprimidos ovaricos e, á noite, depois da ceia, dois comprimidos de placentina. Depois de cada refeição principal tome uma colher (das de sopa) de "Malt-Oleol". Faça por semana, 3 injecções intra-musculares, com a "Tonikeine". Externamente friccione a região indicada, duas vezes por dia e durante dez a quinze minutos, com uma esponja, embebida numa mistura, em partes iguaes, dagua fria e dagua de Colonia bastante forte.

E. G. S. (Angra dos Reis) — Basta usar internamente "Staphylasia Doyen", — 3 colheres (das de sopa) por dia. Externamente lave todos os dias a região, com agua morna e sabonete sulfuroso e, depois de enxugal-a, applique, em massagens: precipitado 1 gramma, oxydo de zinco 5 grammas, lanolina benjoinada 15 grammas, glycerina borica 15 grammas.

DR. DURVAL DE BRITO.

# Nada embelleza tanto a mulher como uma linda pelle

**RENARDS** — de todos os paizes do mundo, do mundo da neve. Rica collecção em argentés, bleus, Canadá-rouge, Isabellas croisés, etc.

\+ \+ \+

**MARTRES** — a ultima vogue, legitimas martres francezas, soltas e em pares.

\+ \+ \+

**GUARNIÇÕES** — para começo da temporada official, ultimas novidades em côres, qualidades e feitios. Legitimos modelos das melhores casas parisienses.

\+ \+ \+

**PREÇOS** — nem "abaixo do custo", nem "a preço de custo", mas sempre o valor real de sua compra.

\+ \+ \+

**CONCERTOS** — atelier especial para concertos, reformas e desinfecções de pelles. As senhoras prudentes devem aproveitar estes dias para concertar e modificar suas pelles usadas.

\+ \+ \+

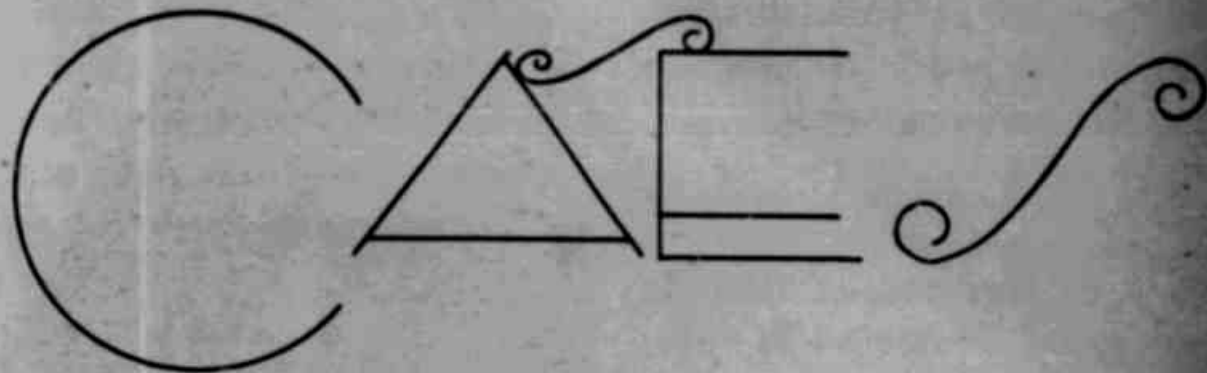
Pergunte a quem já comprou.

A famosa estrella cinematographica com adorno de martres.

# PELLETERIA CANADÁ

## Uruguayana 21 - TEL. 2-4827 - RIO

# O CÃES

POR HENRIQUE PONGETTI

O ESPIRITO "frondeur" de Trilussa — fabulista que inventou uma cidade de animaes para poder viver numa cidade de homens — calumniou certa vez o cão, symbolo da lealdade irracional e thema antigo de poetas e prosadores mais ou menos racionantes. Disse, em dialecto "romanesco", o autor do "Omini e Bestie", que a sua gratidão era apenas previdencia — qualidade inexistente ou pouco desenvolvida em outros animaes. O cão, philosopho, não deserta da casa e affaga o amo porque sabe que elle come, normalmente, todos os dias... tal qual a especie canina. Senso pratico, numa dóse quasi... humana, desfazendo o lyrismo dos que — como Guerra Junqueiro — exaltaram o companheiro fiel de tantos egressos da vida tumultuaria e enganadora dos homens.

Vê-se logo que Trilussa quiz collocar a sua "boutade", embora sacrificando um passado cheio de tradições honestas e a bôa fama de que gosa ainda hoje — em plena apotheose da calumnia e da irreverencia — nosso irmão, o cachorro. Basta observar o apêgo dos "dog-street" e dos "papa-lixo" sem arvore genealogico e sem raça qualificavel, o seu impressionante apêgo á casa de individuos em torno das quaes a fome ronda sem esperanças de um reverso luculliano.

**Palavras amargas e insinuações malevolas — isto sim — devem ser dirigidas ao gato, pequeno despota domestico, egoista cuja caricia é apenas um modo de augmentar — bolinando — as proprias sensações. O gato deve ter sido o primeiro ensaio da natureza na feitura do tigre. Toda a maldade ficou, em miniatura, no seu "fac-simile" minusculo. Inclusive as garras.**

**Quem nunca sentiu certo rancor contra a molleza dos Angorás felpudos, estirados nos melhores almofadões com a semcerimonia de quem sabe estar pagando os abusos com a fascinação da propria belleza?... Quem nunca sentiu o artificio das manifestações de affecto do felino e improvisou sobre o seu ronronar velhaco uma serie de aphorismos acidulos?**

**Não. Misanthropo póde fechar a ultima porta ante a perfidia do mundo e fazer suas confidencias ao cão, seu mudo amigo. E elle saberá dizer, com o abanar festivo da cauda e os seus beijos salivosos e intempestivos, a palavra bôa que convida a viver...**

# OS QUATORZE PONTOS DA

# De André

AQUI estão as regras do flirt, taes como as mulheres as estabeleceram em quatorze pontos:

[..]—Nenhum criterio physico; ser [..] influe. Não ha limite de edade, [..] preciso possuir as qualidades re[..]. Os cabellos podem ser brancos. [..], não. Nem rheumatismos.

II

[..] estado de flirt póde-se falar de [..]menos de amor. Prohibidas as decla[..]. A declaração é um discurso bru[..] que obriga a uma resposta positiva: [..] não, E' o contrario do flirt que [..] em falar muito, e deliciosamente, [..] nada dizer. A declaração leva a coi[..]ves: a guerra (falo do casamento). [..] não é a guerra; tambem não é a [..]é a paz armada. Os flirtadores se pa[..] com os diplomatas: tomando cuida[..]ra não chegar a uma catastrophe, [..]ram fazer com que não haja tran[..]lidade; multiplicam as pequenas ar[..] e adoram as conferencias.

III

[..] permittido ao flirtador ser celebre. [..] não deve tirar proveitos disso, para [..]alar só em si.

IV

O literato não deve falar em literatu[..] pintor em pintura, etc. Esses as[..]tos pertencem ao palestrador, ao co[..]do de uma noite. O flirt é o compa[..]o de uma estação. Não lhe pedem [..]nstrúa. A sua conversa, que convém [..] de tudo, deve sempre significar outra [..].

Por exemplo: "Que bonito dia!" tra[..]do: "Está encantadora, esta manhã!"

V

O flirtador precisa ser dado a todos [..]orts. Mas não se exige que seja mui[..]rte. (Em estado de flirt, raramente [..] com convicção: um court de tennis [..] é um logar onde se jogam bolas e sim [..] se mostram saias brancas e casacos [..]os, como a praia, na hora do banho, [..] é o logar onde se nada e sim onde a [..] se exhibe em maillot).

O flirtador necessita tratar-se, cuidar-se, para não humilhar-se á mulher da qual é o flirt, apresentando-se mais mal vestido do que o flirt da sua amiga intima.

VI

Agradar as outras mulheres. Um flirt que a vizinha não inveja, não é um flirt.— Convém, no entanto, não agradar de mais.

O flirtador não deve levar a flirtadora a um ciume excessivo. Os soffrimentos do flirt não devem ir além de soffrimentos de amor proprio.

VII

Não ser desconfiado. Nunca a mulher tem um unico flirt.

QUANDO O PRINCIPE DE

Elle é o Principe Encantador, o "flirt" longinquo de todas as costura de Paris, quando o herdeiro do throno britannico ia

# PEQUENA GUERRA SENTIMENTAL

Bírabeau

E' preciso saber conservar a posição, mesmo sendo o numero um.

O flirtador, não esqueçamos, é um senhor que se apresenta: "Senhor X..., meu amigo; Senhor X..., meu **flirt**".

VIII — Nada de humildade. O bom flirtador não é um **tótó** que se arrasta.

Elle não segue a mulher que flirta como os maridos magros das mulheres gordas: elle está no mesmo nivel.

Póde carregar o manteau ou a bolsa, por gentileza e não por obrigação.

IX

Não convém ser demasiadamente espirituoso.

Os homens imaginam que devem se mostrar deslumbrantes. Erro! E' preciso medir o espirito de modo que a m... tenha sempre mais.

Estimulal-a, sim: é tonico, é li... ro, embriaga; mas não fatigal-a: ella ... tomará aversão.

E o **flirt** não é um torneio de e... rito.

(Fazer-se muito espirituoso é, a... risco que, raramente um homem co...

X

Nenhuma sinceridade. A sinc... de é muito grave. Não é divertida.

XI

Sobre a dansa. Entre o senhor ... caminha sobre os pés da dama e o ... tem o ar de seu professor condescend... é preciso conseguir um logar.

XII

Evitar a desenvoltura. A mulher ... ve sentir sempre um pequeno temor: ... riscar-se a compromettar a sua vida.

Jogando, diz-se: "Não jogamos ... nheiro, jogamos feijões". Mas o pr... é bem insipido se estamos certos, abs... tamente certos, de que arriscamos ap... feijões...

XIII

Não ter em vista o casamento. ... idéa do casamento só é acceitavel qua... vem depois. Se ella precede o **flirt**, já ... é **flirt**...

XIV

Emfim, o **flirt** é como essas sc... de theatro, representadas por dois a... tas, na frente do palco, emquanto os c... parsas se conservam ao fundo. Qua... a scena termina é preciso saber sahi... deixar a peça continuar. O flirtador ... é, no dominio sentimental, mais do ... uma relação de cidade de aguas: as ... lheres devem poder não reconhecel-o, ... o encontrarem pouco depois, uma ... que isso seja mais commodo. O te... terminado — escriptura revogavel, co... vontade de cada um — aconteça o ... acontecer, o flirtador não tem nenh... direito: nem anneações nem inde... zações.

**G A L L E S  I A  P A S S A N D O**
**raparigas do mundo. Eis aqui o que aconteceu numa officina de passando. Todas as midinettes se precipitaram para ver Sua Alteza**

# A TORRE DE BABEL

UANDO o projecto de uma torre que se ...ria Torre de Babel, e ... termos da decisão, de... ...ar no céo, foi posto ...urrencia por uma mu...idão em delirio, qua... os empreteiros do paiz ... os hombros e declara... ...ra quem os quizesse ...que era preciso que os ...essem loucos para os ...m capazes de tomar ... semelhante empresa. ...tanto, um, de nome ...alem, bisneto do cele... ...rdman, com espanto ...resentou as suas pro...

... mesmo um preço ra... quatorze milhões de ...

...aram em interdictal-o, e ...ião geral se traduzia ... termos: *Vorain zou...tisch*. (Elle vae deixar ... lá.)

..., Mathusalem inscrevê... seu contracto uma pe... clausula que teria feito ...er espertalhão refle... Essa clausula especifi...que, em caso de interru... trabalhos por motivo ... maior, os pagamen...ectuados pertenceriam ...reteiro.

...usalem solicitára adi...nto de quasi toda a ... do contracto. Os for..., dizia, desejam que ...mentos sejam á vista, ... á audacia do empre...nto.

...rre se erguia pouco a ... Os alicerces foram ra... (Os entendidos se sur...eram com o tempo mi...pregado na preparação da base de um ...nto tão importante.) Depressa a torre ... ao quarto andar que, com a altura dos ... daquella época, representavam oito de ...dos os domingos vinha gente das cidades ...aldeias vizinhas para assistir aos traba...s, foi numa segunda-feira, pela manhã, ...deu o grande golpe.

Pelo contracto, as obras eram fiscalisadas por um architecto da cidade.

Pois naquella segunda-feira pela manhã, o architecto, chegando ao local, encontrou um dos sub-chefes e lhe disse:

— Frichti bi coulacou lail votzobam brididi bébe.

O que queria dizer:

— E' preciso cuidar tambem de mandar vir os saccos de gesso, sem o que não vejo como terminar a primeira plataforma.

Mas o outro arregalou os olhos e respondeu apenas:

— Balababa Kilitiri.

O que não queria dizer nada. Ouvindo isto, o architecto procurou um outro subchefe e lhe perguntou:

— Calcaderiri boulzaveï Tubalcaïn transtram? (Que tem Tubalcaïn, hoje, que me deu uma resposta sem nexo? Com certeza ainda está com restos da bebedeira de hontem.)

Ao que o outro sub-chefe responde:

— Jave nave savais pavas.

— Porteiro! exclama, com voz imperiosa, o architecto aterrado.

O porteiro chega correndo e diz ao architecto:

— Lonjour bem, lonsieur mem!

O que queria dizer: "Bom dia, senhor!" na lingua rude dos loncherbem, segundo decidiram, mais tarde, os commentarios. O architecto foi, a toda pressa, para a séde do governo, convocou as autoridades e communicou que a colera divina cahira sobre os constructores, e que havia uma completa confusão de linguas. Mathusalem estava, pois, diante de um caso de força maior.

Os trabalhos foram interrompidos. Quanto ao architecto, logo depois, pediu demissão e foi viver no campo, das suas economias, que a opinião publica julgava um pouco consideraveis para um individuo que jamais g a n h á r a para tanto...

TRISTAN BERNARD

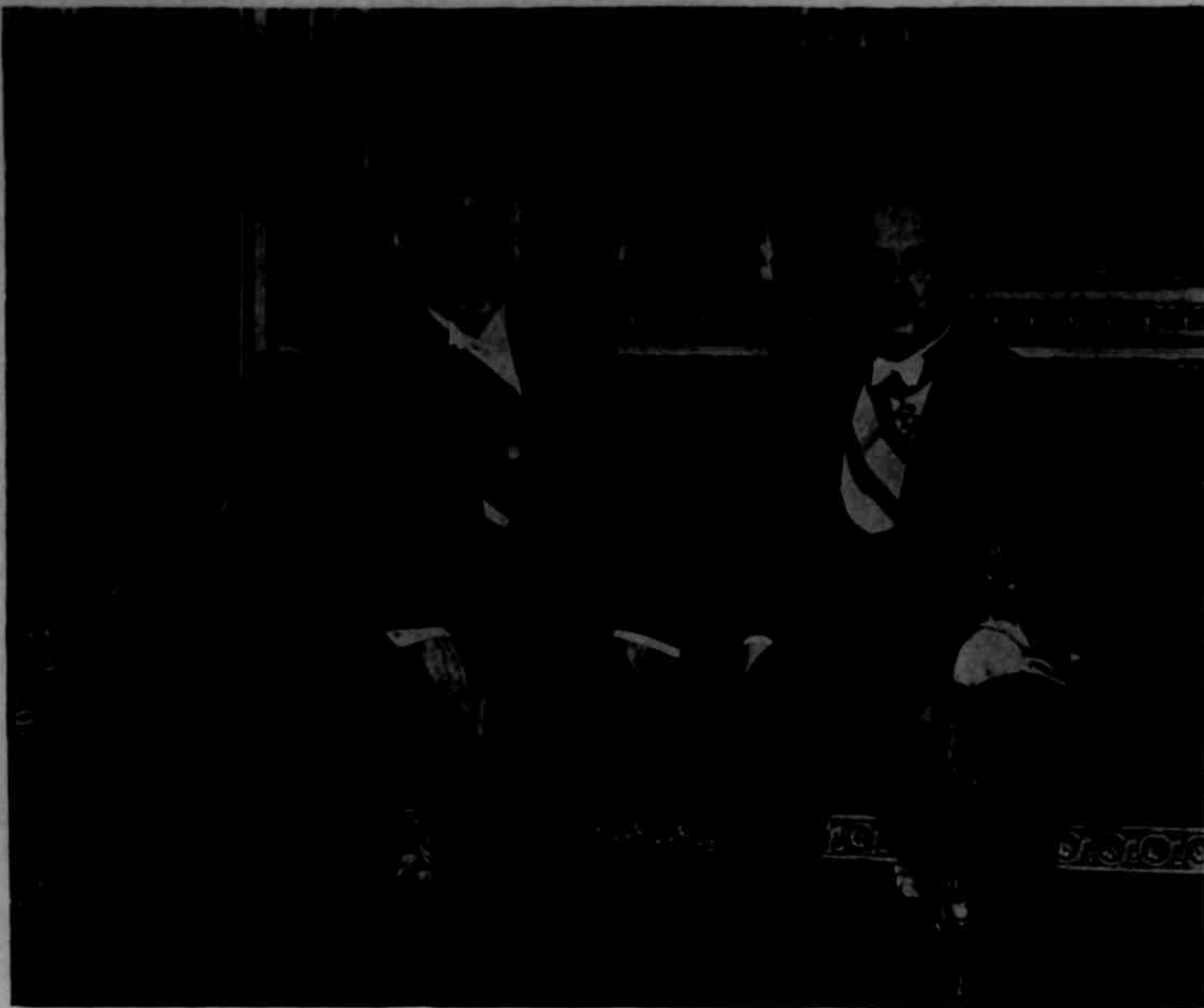
ILLUSTRAÇÃO DE GERVÊSE

Dr. Raul Machado Bittencourt

Baile C[illegible]

Para a apresentação da senhorita Yeda Machado Bittencourt á sociedade.

INSTANTANEOS DO BAILE CIGANO NOS SALÕES DA RESIDENCIA DO CASAL RAUL MACHADO BITTENCOURT

FESTA TYPICA REALIZADA PARA A ESTRÉA NA VIDA SOCIAL DA SENHORITA YEDA MACHADO BITTENCOURT

*No Palacio do Cattete, quando o novo Embaixador do Mexico foi fazer entrega das suas credenciaes ao Senhor Presidente da Republica. O representante da grande nação amiga, Dr. Affonso de Reyes, pertence á élite intellectual mexicana. E' com alegria que o Brasil o recebe.*

*EM BAIXO: — Sir William Seeds, novo Embaixador da Grã-Bretanha junto ao Governo Brasileiro, com sua Exma. Senhora, ainda a bordo do "Asturias", no dia em que chegou ao Rio; Sir William Seeds é uma das mais notaveis personalidades da diplomacia européa.*

# Meu eu victrola

A agulha és tu!

O diafragma é o teu amor.

Eu sou apenas o disco que tu tocas.

Se estás alegre

eu sou alegre: um charleston.

Se estás triste

eu sou triste: um tango...

E vou na vida,

tocando,

tocando

reflectindo,

repetindo

tudo que teu affecto e teu carinho

gravam neste grande disco

que gira, gira automaticamente:

meu coração.

ENEIDA.

RONAN DE KERDREN

# A SEREIA DE KERDREN

Conto de Marcelle Tinayre

Illustrações de Guy Arnoux

CIDADÃO Mazurier, — disse o velho, estendendo as pernas de grillo para o fogo e aconchegando ao torso magro o casacão, — não lhe surprehendeu a minha porta se abrir tão facilmente? Não é extraordinario que num tempo de perturbações, um homem da minha edade, fraco e desarmado, viva só com um creado, sem inquietações e sem precauções? Concordo que os meus sentimentos civicos, bem conhecidos do Directorio de Brest, o odio aos tyrannos, o desprezo pelas riquezas, o amor á egualdade, e tambem os pequenos serviços que posso prestar á nação com os meus trabalhos, garantem, em parte a minha segurança. Por outro lado existem poucos realistas na região; os aristocratas emigraram aterrados; os aldeões acceitaram o novo regimen. Mas os inimigos da Republica não me perdoam o que elles chamam: a minha trahição. Juraram acabar commigo, e se o cura Trentiniac, do qual ha pouco falamos, me apanhasse num logar deserto, a minha carreira neste mundo estava terminada.

— Mas, por que não é prudente? — perguntou Mazurier com os dois braços sobre a mesa. Tenho uma salvaguarda que, para os Bretões, vale um exercito... Sim, cidadão, posso dormir com as portas abertas. Emquanto a Sereia de Kerdren estiver debaixo do meu tecto, no logar em que o meu avô a collocou, ninguem ousará vir me fazer mal aqui na minha casa. A fama desta figura é muito conhecida: ella traz a desgraça para quem a tocar, não sendo da familia dos Kerdren.

— O senhor está brincando, cidadão? No seculo de Voltaire e de Jean-Jacques...

— Não brinco... Não pretendo explicar phenomenos que passam por magicos, mas que têm qualquer coisa de natural, certamente, embora mal ou pouco conhecida, — como tantos outros phenomenos que solicitam a attenção dos sabios. Toda Italia e todo Oriente acreditam no "*máo-olhado*". Sabe-se lá que influencias, não sobrenaturaes, mas *occultas*, os elementos dos quaes somos compostos, pódem exercer uns sobre os outros, em circumstancias ainda indefiniveis?

— Talvez... — Mazurier lançou um olhar obliquo para a grande sereia, cujos olhos luziam na sombra.

— Segundo as chronicas de familia, havia uma especie de amizade entre as Mulheres-peixe e os Kerdren, — continuou o velho. O nosso brazão — apontou para o vago contorno de uma esculptura sobre a chaminé — tem uma Sereia de ouro, num fundo azul, com a divisa: "Eu canto durante a tempestade". O senhor sabe que os Kerdren são da marinha desde que existe marinha em França. O ultimo descendente, — meu filho unico Louis-Alain — morreu no mar, num naufragio perto de Bermudes...

Mazurier murmurou: — Eu ignorava...

O senhor de Kerdren baixou a cabeça. Levantou-a logo:

— Isso, cidadão, é uma outra historia... Falaremos das Sereias, creaturas fabulosas, nascidas do chifre de Achéloüs, no dizer dos poetas antigos. Meu avô, Roman de Kerdren, recolheu todas as tradições da nossa familia, ligadas a essas divindades ou demonios do mar, e compoz até um poema: *La Sirène Parthénope*, trabalho apreciavel e muito enfadonho. No anno de 1675, Roman esperava a conclusão da fragata Euchanteresse, da qual devia tomar o commando, e occupava as horas vagas cortejando a commandanta de S... Um dia, essa senhora teve a fantasia de visitar o atelier de esculptura onde se faziam figuras de madeira para ornamentar as prôas das náus. Artistas famosos não desdenhavam de lá trabalhar. Meu avô amava as artes. Possuia bom gosto e, muitas vezes, os esculptores lhe pediam opinião sobre os trabalhos...

A commandanta falou ao meu avô do desejo de vêr o atelier; elle se poz ás ordens della, deu-lhe o braço e atravessaram as salas recem-construidas no cáes Recouvrance.

O esculptor chefe, muito honrado com a visita, mostrou as obras-primas já terminadas, de um estylo pomposo, e que tanto tinham de majestade quanto de galanteria. Victorias tocando trompas, rodeadas de Tritões e de Golfinhos; Naïades com Zéphiros; Thétis e Amphitrites semi-núas, coroadas de coraes; todas de tamanho colossal e douradas como o sol ao poente. Viu duas ou tres começadas, mas, nenhuma lhe satisfez o desejo de possuir na prôa da embarcação, uma imagem digna do nome *Enchanteresse*. E, por brincadeira, o mestre, que era Bretão, disse-lhe:

— Temos aqui um objecto estranho que nos foi mandado para que descobrissemos a origem. Deve ser uma obra caraíba que alguma embarcação perdida no Ras levava para a França e que o mar atirou na costa de Sein. Essa esculptura, cuja historia desconhecemos, seria uma extraordinaria figura de prôa para o navio commandado por um Kerdren, pois representa uma Sereia. O objecto singular era a mesma estatua que o senhor vê ali, cidadão Mazurier. Estava atirada a um canto do atelier, ainda toda suja de areia e de sargaços, tal como a haviam encontrado nos rochedos. Ronan examinou a especie de monstro e disse ao mestre:

— A Sereia dos antigos tinha asas; mas com o andar dos seculos perdeu-as, e o passaro do mar se transformou em peixe, como se vê nas armas da minha familia. Entretanto, não estou certo de que se trate de uma sereia; talvez pertença a uma raça desconhecida.

E, como elle amava em tudo, o bizarro e o differente, pediu que a naufraga fosse limpa, repintada e collocada na prôa da sua embarcação. O mestre esculptor protestou, que dissera aquillo por brincadeira, que tinha vergonha de erigir a endemoninhada na fragata do rei de França.

Mas Ronan de Kerdren era o mais teimoso dos Bretões. Convenceu aos engenheiros de cederem ao seu capricho. A commandanta ajudou-o, embora com difficuldade, a forçar as vontades adversas.

A *Enchanteresse* foi lançada ao mar em 1676. O senhor, com certeza, ouviu falar no accidente que custou a vida de uma porção de forçados, mortos pelas barras de cabestrante, por se ter partido um dos cabos do navio durante a operação. Eram forçados, a perda não representava grande coisa para o reino. Mas, emquanto arrumavam a *Enchanteresse*, antes que Ronan de Kerdren tomasse o commando, foram tantos os desastres que o terror tomou conta da equipagem.

O meu avô recebeu aviso. Soube que os officiaes e marinheiros attribuiam á figura de prôa uma influencia malefica, e, como era valente, quiz experimentar. Apenas installou-se a bordo os accidentes cessaram.

Voltou a confiança, reinou a ordem. A *Enchanteresse* levantou ferros para as Antilhas, onde devia encontrar os oito navios armados pelo vice-almirante d'Estrées, que tomára Cayenne dos Hollandezes e destruira uma esquadra inimiga no porto de Tabago.

A viagem foi a mais feliz possivel, — vento favoravel, céo puro, nenhum Hollandez á vista, — como se a estra-

( VEJA O NUMERO ANTERIOR DE "PARA TODOS..")

nha figura, na prôa da embarcação, conduzisse a fragata, sobre as ondas domadas dos mares tropicaes, levando-a para paraisos ignorados. A *Enchanteresse* chegou ás ilhas das Antilhas... Ah! cidadão Mazurier, o senhor não póde imaginar o que este nome *Antilhas* provoca no coração de um velho marinheiro!... Bellezas creoulas, mulheres de c ô r, alm a s sensiveis... revejo-as, cheias de graça... graça que um joven official prefere á virtude!...

O senhor de Kerdren disse as phrases romanticas num tom emphatico, e o inspector pôz-se a sonhar:

— Fiz os meus vinte annos lá, cidadão, continuou elle, experimentei os encantos da Venus negra, *nigra est, sed formosa*. A mestiça Aurelia servia-me, á sombra da cabana, este nectar que faz de um homem um deus... mais algumas gottas, cidadão! Bebamos á memoria do meu avô Ronan...

As palpebras de Mazurier pesavam sobre os olhos, cujo iris estava dilatado como o dos gatos ao crepusculo. Elle sentia na cabeça uma especie de crepitação de chammas, e o suave langor, que lhe distendia os membros, ganhava insensivelmente as suas idéas.

— E... e a fragata? — perguntou elle, despertado por um supremo esforço de attenção.

—Não lhe contarei as suas aventuras, saiba apenas que se distinguiu por uma singular felicidade durante toda a campanha. As tempestades e os combates a encontravam invulneravel. Voltou a Brest, em fins de 1678. Meu avô desembarcou e foi a Versailles, onde o Senhor de Seignelay o apresentou ao rei Louis XIV... — De execravel memoria...

O CIDADÃO JACQUIN AFFIRMOU QUE ME RECONHECIA

O Senhor de Kendren teve um movimento como se fosse saltar da poltrona e atirar-se sobre Mazurier. Este, navegando num ether brumoso, afogado em delicias, fixou o olhar vago no velho que se acalmou e se poz a rir.

— Sim, cidadão, sim, meu avô foi recebido pelo Nabuchodonosor de Versailles. Os infames cortezãos lhe fizeram m i l obsequios, e o Senhor de Seignelay annunciou-lhe que passaria a commandar o *Intrepido*, navio de setenta e quatro canhões.

E assim Ronan disse adeus á sua fragata, á sereia da prôa, querida como o paladio da sua sorte, e que tanto desejava levar para o *Intrepido*. Logo depois, partiu de novo para o Senegal.

A *Enchanteresse* rumou para Loisiane, sob o commando do Senhor Conde de Guéchy, marinheiro pouco experiente, parece, e que não era Bretão. No principio da travessia deram-se, a bordo, pequenas diabruras que não deixaram de prejudicar a navegação, sem, comtudo, pôr em perigo a nave: a v a r i a s inexplicaveis, sem gravidade, mas quotidianas, renovadas como por um espirito trocista, que não ousa ser máo, e que ensaia sua f o r ç a sorrateira.

O magnifico successo da ultima campanha destruira todas as prevenções da equipagem contra a figura de prôa que levára o navio á victoria e o Senhor de Kerdren á gloria.

A segunda campanha, menos brilhante do que a primeira, durou quasi dois annos. Não sei contar todas as peripecias. Parece que a *Enchanteresse* esteve varias vezes em perigo, o que nada provava contra a competencia do commandante, mas, perturbava muito os espiritos. Achavam que o Conde de Guéchy não valia Ronan de Kerdren. Elle era rude com os marinheiros e com os officiaes, distante como as estrellas. Ouvindo commentarios sobre a historia da Sereia, debochou a credulidade bretã, cobriu de motejos o seu antecessor, deante de testemunhas, de uma maneira incrivel e chocante. Declarou a sua intensão de desembaraçar o navio, o mais cedo possivel, da imagem pagã, feia e ridicula, substituindo-a por uma bella nympha trabalhada por Coustou.

Foi quando se deu a aventura narrada ao meu avô, com os minimos detalhes, por um tripulante da *Enchanteresse*, Yvan Tredellec, e que Ronan de Kerdren conta nas suas memorias...

A *Enchanteresse* achava-se ao Norte da Barbada e o Senhor de Guéchy na sua cabine, fumando num immenso cachimbo da Hollanda, quando houve, em toda a nave um movimento extraordinario. Attrahido pelos gritos dos marinheiros, o commandante subiu á coberta. Os homens debruçados no costado do navio, mostravam, uns aos outros, uma fórma sombria que parecia se debater na agua azul e transparente como uma saphira de Ceylão.

Era meio-dia. O sol vertical despejava chumbo derretido, fervente e mortal, sobre as cabeças dos bravos marujos inquietos com o n a u f r a g o. Viam-se enxames de peixes voadores e as barbatanas em foice de um tubarão. Subitamente, na frente do navio, quasi sob a roda da prôa que cortava as ondas, como uma tesoura corta um grande setim azul, o corpo do *naufrago* se levantou, visivel e nú até á cintura. Yvan Trédellec disse que elle era côr de bronze verde, luzia sob o sol, com a construcção de um joven bello, embora não mostrasse os quadris e as pernas. A cabeça maior do que a de um homem normal, coberta por uma juba preta entrelaçada de hervas do mar. Não se distinguiam bem os traços do rosto debaixo da cabelleira immensa, mas os olhos, se divisavam, redondos e scintilhantes, de um fulgor insustentavel.

A imagem fantastica ninguem acreditava que fosse um sêr nascido de uma mulher — evitava com uma agilidade prodigiosa a massa esmagadora da roda do navio. Em face da prôa da *Enchanteresse*, os braços estendidos, a cabeça levantada num gesto de adoração.

O tubarão, cujas barbatanas appareciam, cá e lá, não se approximava daquella especie de demonio do m a r, e os lindos peixes voadores brilhavam na luz, palpitavam em torno do grande corpo bronzeado como borboletas metalicas. Os marinheiros chamaram o *homem-marinho* que não demonstrou vel-os nem ouvil-os. Elle olhava a figura da prôa, disse Trédellec, tal como um peregrino devoto olha uma imagem santa, ou melhor, como um amante timido fita a amante orgulhosa. E a maneira pela qual nadava, recuando, por um movimento dos seus membros inferiores invisiveis, tão rapido quanto o navio, provava claramente que se tratava de um sêr sobrenatural.

A tripulação, assustada, fazia signaes da cruz, exclamando que aquelles amores não eram um espectaculo para christãos. O Conde de Gréchy, furioso com o que chamava a *estupidez* dos marujos, deu ordem para fazerem fogo sobre o *homem-marinho*.

Uma bala partiu e perdeu-se na agua. No mesmo instante a fragata, agitada por um vagalhão, subiu e desceu como se fosse para os abysmos. O marujo que atirára rodou, numa cambalhota, por cima do costado do navio, com um grito horrivel... o *homem-marinho* desapparecera.

Essa catastrophe que disseminou o pavor a bordo da *Enchanteresse*, annunciava novas calamidades. S e g u i u-se fogo no paiol, que quasi consumiu tudo. Um destroco abandonado no mar chocou-se no casco tão violentamente que fez agua nos porões. Depois, um furacão com

trombas prodigiosas. Mais tarde, declarou-se uma epidemia, que victimou um terço da equipagem. Os sobreviventes praguejavam contra o Senhor de Guéchy. Na opinião delles, as desgraças eram uma punição pelo attentado commettido contra o *homem-marinho*, e tambem a influencia nefasta da Sereia que fôra o genio protector do navio, sob o commando de Ronan de Kerdren. Alguns propunham atirar a estatua ao mar, onde iria se juntar ao adorador amphibio; outros temiam maiores males se offendessem assim ao Poder mysterioso.

A infeliz embarcação chegava emfim ao porto de Brest, numa noite de lua cheia, os rochedos de Ouessant visiveis, fóra dagua, com a maré baixa. Como foi que a fragata bateu na ponta de granito? Como foi que ella, num momento, se deixou devorar pelo remoinho? Yvan Trédellec e a duzia de marinheiros que se salvaram a nado e ganharam os rochedos, onde foram descobertos, no dia seguinte, meio-mortos de fadiga e de frio, guardaram dessa noi e terrivel a lembrança incerta de um pesadello.

Alguns dias mais tarde, as ondas atiraram á costa um destoço, um só, que era tudo o que restava da *Enchanteresse:* a figura da prôa intacta, pintada e dourada.

Enviaram-na, pela segunda vez, para o arsenal de Brest. Meu avô Ronan, que fôra visitar, no hospital, o marujo Trédellec e que soube por elle o segredo do naufragio, pediu ao almirante a temivel Sereia, em vez de a mandar queimar, como pagã e feiticeira. Obteve-a facilmente e trouxe-a para o castello, onde o reitor de Kerdren a esconjurou e benzeu solemnemente. E, presa á parede desta sala, nunca deixou de proteger os Kerdren. Bôa para os nossos amigos, má para os nossos inimigos, ella defende a casa e os seus hospedes melhor do que um batalhão de homens armados. E fizeram dessa historia uma canção...

O fogo morria. Uma das vellas acabava. O senhor de Kerdren não avivou o fogo nem substituiu a vela. No fundo escuro da sala, a grande Sereia fascinava Mazurier, que se sentia rodando para um abysmo. Um pouco de licôr restava no copo. Bebeu-o para se reanimar, mas uma vertigem voluptuosa envolveu os seus pensamentos numa profunda espiral.

Uma voz fraca, aspera acompanhada pela orchestra da chuva e do vento, cantava, cantava a canção da Sereia...

Mazurier não resistia mais á força que o carregava, docemente, musicalmente, para os abysmos de esmeralda translucida. Algas quentes se enrolavam nos seus pés. Braços nús, macios e frios, apertavam-lhe o pescoço e o peito.

A voz aguda do velho cantava, cantava a canção da Sereia...

Mazurier reuniu as suas energias para se livrar do abraço que o apertava deliciosamente. Levantou-se...

O relogio de carvalho bateu... Uma... duas... tres... quatro... cinco... seis...

Os braços de Mazurier alongaram-se sobre a mesa, a cabeça cahiu em cima delles. Dormia.

VI

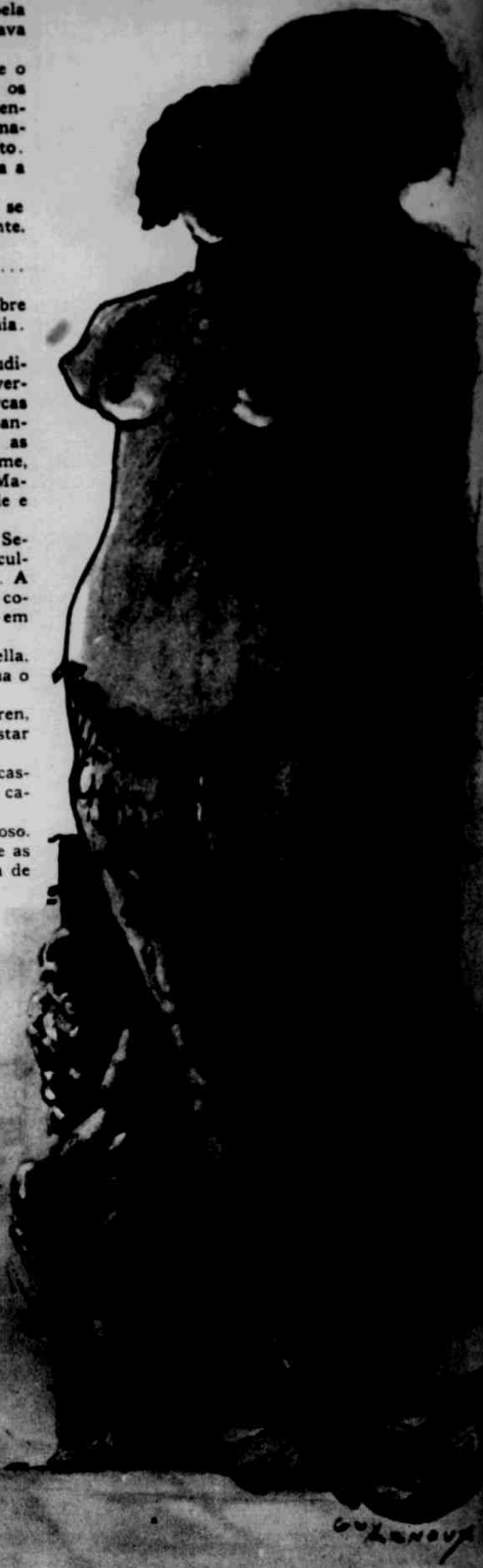
Mais uma acha ao fogo, as brazas saccudidas, libertadas das cinzas... Uma claridade vermelha bailante, da chaminé á mesa. As arcas esculpidas com personagens grottescos, o banco de espaldar, as armaduras enferrujadas, as panophias, as fisgas, a tapessaria de Bergame, foram-se illuminando progressivamente. Mazurier dormia diante da garrafa pela metade e do copo vasio.

O Senhor de Kerdren approximou-se da Sereia. Tocou entre os dois seios do idolo. Occulta na espessura da parede havia uma porta. A Sereia rodou com o quadro de granito que cobria. E a porta aberta mostrou uma cella em forma de vasto e profundo nicho.

Uma lampada aclarava o interior da cella, arejada por uma estreita fenda de onde vinha o ar humido da noite.

— Abbade! chamou o Senhor de Kerdren, a sorte o ajuda. Prepare-se. E' preciso estar em Morlaix ao amanhecer.

Um homem moço, de rosto cheio, olhos castanhos, vestido com um casaco de pelle de cabra, sahiu do esconderijo.

— O Senhor é um palestrador maravilhoso. Da minha prisão ouvi tudo: o discurso sobre as combinações chimicas e a historia da Sereia de

A SEREIA RODAVA ABRINDO UMA PORTA NA PAREDE

Kerdren. E percebi que o Senhor embriagára o mineralogista!... Mas não comprehendo que vantagem póde haver, para mim, em tudo isso...

— A sua salvação... falo da salvação do seu corpo... A da alma não é commigo... Escute-me, Trentiniac. Temos que contar os minutos. O pobre diabo do inspector está bebedo, ou antes, sob a acção de uma bebida que as negras chamam *quimbois*... Um filtro... cuja composição ignoro, mas conheço os effeitos... E' preciso reter aqui o nosso homem e dar tempo ao *quimbois* de agir. Contei-lhe aquella historia que, para os aldêos, é tão verdadeira quanto os Evangelhos... Agora, Mazurier dorme. Dormirá vinte e quatro horas, da meia-noite á meia-noite exactamente, sem se mexer, sem sonhar, sem sentir, acordando, a minima fadiga, sem conservar do longo somno nem mesmo uma obscura e confusa lembrança... A noção do tempo é abolida. Por vinte e quatro horas o inspector estará morto. Resuscitará amanhã á noite, quando despertar, e, como nada terá mudado em torno delle, não saberá que dormiu, e que eu lhe roubei, para dar ao Senhor abbade, uma noite e um dia da sua existencia.

— Palavra! — exclamou o padre refractario, examinando o rosto calmo do inspector, meio deitado sobre a mesa, — isso parece feitiçaria, Senhor Conde! Mas se for peccado Deus lhe perdoará!

— Este bom mineralogista parece-se um pouco com o Senhor: a idade, a altura, a corpulencia... Por cima do casaco de pelle o senhor vista o sobretudo delle. Aqui está o chapéo do nosso hospede; agora o abbade vae montar a cavallo, o estojo das pedras na garupa e nos bolsos os salvo-conductos com o nome de Charles-Auguste Mazurier. Corentin acompanhará. Amanhã o Senhor estará em Morlaix onde Mazurier — foi elle mesmo quem me disse — não é conhecido. O Senhor abbade se apresentará aos chefes da municipalidade. E pedirá a liberdade de estudar, nos arredores do porto, as rochas marinhas...

— E tomo o barco que, ha um mez, me espera todos os dias para conduzir-me a Jersey!... — disse Trentiniac fremente de alegria. — Ah! Senhor Conde, admiro o seu genio...

— O Senhor verá a barca e o pescador Yann ao qual se dará a conhecer... Não se esqueça da senha!... Quando estiver fóra de perigo, em casa daquelle bravo servidor do rei, Corentin deixará. Trará de volta a caixa de pedras, as roupas e os papeis. E, amanhã á noite, o meu hospede ha de se encontrar tal como está, e partirá contente commigo como eu estou contente com elle... E que Deus o acompanhe! Mazurier se arranjará como puder com os dias, as noites, o calendario, os engenheiros de Huelgoat e a municipalidade de Morlaix!... Elle não desconfiará de coisa alguma pois não terá na conscieencia, nem na memoria, nenhuma solução de continuidade... Quanto a mim, já dei tantas provas de civismo de *Sans-culottisme*, que ninguem se lembrará de me incommodar... E porque haviam de me incommodar? Recebi e guardei durante uma noite o inspector nomeado pela Republica. Elle serviria de testemunha a meu favor, se fosse preciso, — mas não será... Ah! abbade, porque eu odiava o despotismo no antigo regimen, pensam que posso concordar com elle no regimem novo! Viva Deus! Entregava-me a chimeras philosophicas, mas os revolucionarios me fizeram aborrecer a Republica, e a Bastilha me parece menos torpe do que o cadafalso permanente em todas as cidades deste desgraçado paiz... Tyrannia prefiro a de um principe a da ralé...

Falando, o Senhor de Kerdren manuseava, com uma destreza de ama que despe uma criança, o corpo inerte de Mazurier: tirava, papeis do bolso interno do casaco, e collocava o inspector novamente na posição em que o somno o atirára...

Trentiniac, em silencio, ajudava o conde.

Com o sobretudo de lã cinzenta, o chapéo de feltro de abas largas, o padre era um Charles-Auguste Mazurier capaz de enganar ás pessoas que não conhecessem familiarmente o inspector.

O Senhor de Kerdren chamou Corentin e deu ordens severas.

— Conduza o Senhor abbade á Morlaix. Você viajará no cavallinho castanho e elle na jumenta preta que ficará em casa de Yann. Elle se encarregará de devolvel-a. Você trará novamente, o sobretudo, o chapéo, os papeis e a caixa das pedras. Esteja de volta amanhã, antes da noite. Vamos, abbade, abracemo-nos! Adeus! Não sei si nos tornaremos a vêr neste mundo! Assegure ao enviado dos principes que sirvo o rei Louis XVII a meu modo, sob a mascara — si assim posso dizer! — do *Sans culottisme*...

Os tres se afastaram. Mazurier dormia, inconsciente, arrancado da sua vida e da sua alma...

## VII

...Sete... oito... nove...

O relogio bateu lento e grave.

Mazurier suspirou e levantou a cabeça.

... Dez... onze... doze...

— Esta canção dos marujos, disse o Senhor de Kerdren que remexia nas brazas da chaminé, mostra como uma historia verdadeira é adulterada e termina em lenda...

O inspector ainda um pouco embrutecido pelo *quimbois* passou as mãos na testa e, voltando-se mollemente para o Conde, disse:

— Uma historia verdadeira? Então, o cidadão Le Guilvic, crê que a Sereia o protege e que os marinheiros do Senhor de Guéchy tivessem um *homem-marinho?*

— Creio que é meia-noite e que jurei lhe dar liberdade, cidadão, quando essa hora fatidica houvesse passado, — respondeu o velho com um riso fugidio... — Com muito prazer o reteria junto de mim até amanhã, mas devo fazer-lhe a vontade...

Mazurier levantou-se sem enthusiasmo...

— Sim, o dever me chama...

— E Corentin o espera, á porta, com o seu cavallo preparado. Não está cansado? Sente-se bem?

— Nunca me senti tão bem e com tão pouca vontade de partir... A gente está maravilhosamente na sua casa, cidadão! Esta noite, o seu acolhimento, a sua palestra, o licôr das Ilhas, o conto fantastico que tanto me distrahiu, formarão para mim uma lembrança encantadora, com a qual regalarei a cidadã minha esposa. E' extraordinario: depois de um dia fatigante, não senti, nem por um momento, necessidade de dormir!...

— Estou contentissimo, cidadão!

— Ouso ainda esperar que o Senhor lerá o meu memorial.

— Sim. Empregarei nisso o dia de amanhã.

— Como lhe sou agradecido!

Mazurier vestiu o sobretudo ainda humido.

— Creio que a chuva passou. Não se ouve mais o vento que, ha pouco, rugia...

— O clima bretão é sujeito a variações bruscas... Talvez vá encontrar, lá fóra, um céo estrellado... Aqui está o seu chapéo... Corentin se encarregará da caixa... Corentin! Onde está esse patife!...

— Com certeza dorme... Já é mais de meia-noite! O tempo, para mim, passou rapido na sua companhia, cidadão Le Guilvic.

— Tive á mesma impressão, cidadão Mazurier

O criado entrou e, emquanto o Senhor de Kerdren lhe fava em bretão, elle considerava Mazurier com um ar respeitoso, inquieto, submisso, e vagamente ironico.

Sahiu, carregando a pesada caixa. Mazurier lançou um ultimo olhar pela longa e sombria sala, ao fogo que ardia, ás duas velas, ao frasco de licôr pela metade e ao copo vasio, aos trophéos, á tapessaria de Bergame e á grande Sereia de pernas em forquilha e rosto sensual, selvagem...

— Não o mando embora, meu joven amigo, disse o Senhor de Kerdren, mas se deseja estar amanhã cedo em Helgoat..

## VIII

Um mez depois o inspector voltou ao castello de Kerdren com a sua caixa de pedras. O dono da casa mostrou o mais vivo contentamento em vel-o.

— Oh! jantaremos juntos. Falaremos do seu memorial que é notavel e da sua viagem que deve ter sido muito interessante.

Mazurier meneou a cabeça:

— Ah! cidadão, si o Senhor soubesse!

— Que? A mina está em máu estado?

Os directores lhe aborreceram?

Nada disso...

Corentin servia a sopa nos pratos de estanho. O fogo crepitava. Um sol de inverno, branco, prateado, ria nas janellas que ainda guardavam um pouco de neve.

Na fria claridade do dia, a Sereia, junto da parede, olhava com a sua belleza malefica.

— Teve algum aborrecimento com os representantes da missão? Elles se agitam e falam de mais...

(Termina no fim do numero).

# MISS FRANÇA

**Uma carta e dois retratos da Senhorita Yvette Labrousse que representará a belleza da França no Concurso Internacional promovido e organizado pela "A Noite".**

**(Photos Blanc & Denilly)**

# Concurso Internacional de Belleza

PROMOVIDO E ORGANIZADO PEL'"A NOITE"

**Senhorita Zoica Dona**

**Miss Rumania 1930**

# Concurso Internacional de Belleza

PROMOVIDO E ORGANIZADO PEL"A NOITE"

Senhorita Marina França — Miss São Paulo

# Conversando com Miss São Paulo

Em fins do mez passado, por uma casualidade pittoresca, ficamos conhecendo Marina França, esta que hontem era "Miss Campinas" e hoje detem o titulo de "Miss São Paulo".

Gozando um dia de folga, o reporter, como qualquer outro sêr humano, tem o direito de fugir da monotonia dominigueira de São Paulo.

Foi isso o que fizemos, abalando para Campinas, para umas vinte e quatro horas de scenario e ambientes diversos da Paulicéa. A cidade, nesse dia, recebeu-nos bem, alegremente illuminada de sol, festivamente vestida em côres leves de gente que ia á missa. A' noite, no "Campinas Hotel", jantamos regularmente, e attendendo a uma indicação do "garçon", demos preferencia a um "perú á Miss Campinas".

A eleita da terra campineira jantaria alli, explicou-nos elle, ás oito da noite. Era mais uma homenagem que se lhe prestava, com esse banquete.

Mastigando as fatias de perú, com farofa e rodelas de linguiça, fomos dando tratos á bola sobre muita coisa, jámais imaginando que, dentro de poucas horas, no "Club Semanal de Cultura Artistica", sociedade da aristocracia campineira, tivessemos que relembrar esse prato do cardapio.

Dansavam alli, quando um amigo nos levou a visitar a séde.

E quando alguem soube a nossa condição de reporter foi logo ponderando que tinhamos uma optima opportunidade: Miss Campinas estava presente ao baile, e uma entrevista com ella por certo interessaria...

Quem assim ponderava ignora por completo como se estraga o prazer contemplativo com a tagarelice. Entrevistar uma moça bonita, para que? Para comprehendel-a? Seria uma maneira certa que quebrar o encantamento. Mas, tal foi a sua insistencia, que não tivemos meios para recusar-lhe o pedido. Verificamos bem a mesa em que se sentava "Miss Campinas", em companhia de outras pessoas. E, sem mais nem menos, caminhamos para lá. Um cumprimento sobrio e cortez. Esgravatamos então o cerebro á procura de uma idéa... Veiu-nos esta, traduzida na pergunta que lhe fizemos:

— Miss Campinas quererá dizer a um reporter sobre se o perú servido esta noite no "Campinas Hotel", onde tambem a senhorita jantou, foi feito segundo receita sua, ou, se apenas representa um galanteio de mestre cozinheiro?

Um movimento geral, indifinivel, dos que nos ouviram...

Parecia que todos estavam ás avessas...

— Que pergunta! terá pensado algum.

— Que indelicadeza! terá julgado outro.

— Cabotino! teria observado um terceiro, tambem de "trapezio"...

Miss São Paulo

Senhorita Marina França

Miss Campinas ficou calada. Como é frequente em occasiões como essa o reporter respondeu a sua propria pergunta:

— Então o "perú á Miss Campinas" foi assim apenas amabilidade de mestre cozinheiro, pois não, senhorita?

— E ainda, sem ter comprehendido a razão de ser de tão prosaica indagação, a senhorita Marina França ficou apenas numa affirmação...

— E'...

———

Assim conhecemos Miss Campinas, para encontral-a novamente, no dia do concurso em São Paulo, entre algumas dezenas de outras candidatas que enfeitavam a caixa do Theatro Municipal, á espera do julgamento da commissão.

Conversamos com a senhorita Marina França longamente, antes da prova final. A mesma moça que no "Club Semanal de Cultura Artistica" vivera apenas um monosyllabo para nós, era agora uma figura encantadora, bem falante, com muito humor. Discorrendo sobre a sua escolha, representar Campinas, no Concurso, a senhorita Marina França lembrou o nome de Ondina Bueno, sua conterranea e a seu ver o typo de belleza feminina mais perfeito da "Princeza do Oeste"

— E muitas outras, ajuntou ainda, poderiam estar hoje aqui em meu logar. Foi uma questão de "chance" a minha escolha...

Agradou-nos esse seu modo de expressar, e tanto mais que elle não era estudado. A senhorita Marina França não julgava que, toda a nossa conversa, com a sua victoria para "Miss São Paulo" propalada dahi ha pouco, viesse á baila pelas columnas do "Para todos..."

No programma desempenhado pelas "misses", nesse festival, a senhorita Marina França cantou um trecho da "Bohemia". Voz muito clara, educada, encantadora. Naturalidade de expressão, vivacidade e optimo colorido.

Apresentando-lhe os nossos cumprimentos, pelo exito do seu numero, conversamos sobre musica e sobre canto.

— Chopin, Verdi, Puccini, e principalmente Wagner!

— Paradoxo, senhorita?

— O romantismo dos primeiros em completa opposição com um Wagner não deixa de ser uma forte razão de approximação...

— E dos nossos compositores?

— O querido Villa Lobos.

— E dos nossos poetas?

— Todos os que falam bem profundamente ao sentimento...

A nossa conversa foi então interrompida.

O jury já tinha o seu juizo formado e ia manifestal-o.

Ao nosso lado, a senhorita Marina França teve tambem a sua attenção despertada pelo alvoroço que se fazia na caixa do theatro.

O Sr. Casper Libero, director da "Gazeta", o orgão da imprensa paulistana que promoveu o concurso, encaminhou-se para nós.

Fez-nos um ligeiro cumprimento.

— Miss Campinas, o jury a escolheu para a representante de São Paulo, no Concurso Internacional de belleza do Rio!

E nós, aproveitando um primeiro momento de calma, felicitamos a vencedora, beijando-lhe a mão.

Alguns segundos depois a roda que se formou ao redor da senhorita Marina era quasi invencivel, e sómente com muito custo, ella atravessou até o palco, onde enorme assistencia a consagrava com uma salva de palmas.

———

No dia immediato á eleição, antes das nove da manhã um ramo de flores, offerecido pelo "Para todos..." acordava a senhorita Marina França...

A's dez, quando chegamos ao hotel em que está hospedada, muito amavelmente ella foi logo ajuntando ao seu bom dia:

— E como adivinhou que eu gosto tanto de flores ? ! . . .

Foi buscar o ramo de rosas, para mostrar o apreço em que tinha o presente do "Para todos..."

Conversando comnosco, ali mesmo no corredor do ultimo andar do "Regina", onde nós fizemos questão de ouvir as suas impressões de São Paulo que se espalha em maravilhoso panorama desse arranhacéo. (E tambem, não menos importante, era isso uma opportunidade propicia para o nosso photographo bater algumas chapas, focalisando a eleita de São Paulo em flagrantes verdadeiros).

JOÃO DE CAXIAS

Senhora e senhor Mario França, Camargo, paes da senhorita Marina.

Senhorita Marina França

Miss São Paulo com o representante desta revista.

As
ais
nitas
de
ityba

A' esquerda, Senhorita Lola Binds, Senhorita Alice Dias á direita

Senhorita Nair Todes
Senhorita Ilza Pernetta

Senhorita Leticia Colle

a Dina Machado Lima
cima, Senhorita Gilda Koff

(Photos Groff)

Senhorita Alba Requião

# Estado do Rio

Senhoritas Conceição Pereira, Miss Therezopolis; María Augusta de Aguiar, Miss São Gonçalo; Alice Damian, Miss Miracema. As misses de 1930 com a senhorita Marietta Relvas, Miss Estado do Rio de 1929. A commissão julgadora, senhores Miguel Capplonck, Hernani Mello, doutor Castro Guimarães, Prefeito de Nictheroy; professor Corrêa Lima, Dakir Pederneiras.

Senhoritas Enedina Moreira, Miss Campos; Zeila Silva, Miss Maricá; Nadeja Silva, Miss Petropolis. Desfile das misses de 1930 com Miss Estado do Rio e Miss Nictheroy de 1929.

Senhorita Maria de Nazareth Lamego Viggiani, que era Miss Nictheroy e foi eleita Miss Estado do Rio

# Concurso Internacional de Belleza

PROMOVIDO
E
ORGANIZADO
PEL'
"A NOITE"

**Senhorita Marina Torre Miss Rio de Janeiro**

(Photos Flavio de Andrade)

Sessão presidida pela senhora Nair de Teffé Hermes da Fonseca

# Academia Petropolitana

Para bem avaliar o individuo, a instituição, o phenomeno é preciso estudar-lhe o meio.

Para chegar, pois, á Academia Petropolitana de Sciencias e Letras deveria eu passar por Petropolis.

Mas nisso não caio. Deus me livre de tal.

Lyrios na baixada, hortensias no alto, trilhos colleantes, cremalheira, dentes de aço. Plabana, uns que sobem, uns que descem, outros que estacionam, sol ardente, noites frias, "Cremerie", sociedade fina e bem vestida, ruço, autoridades, instituições de credito, estabelecimentos de instrucção, Piscina, "potins", "flirts", Automoveis, equitação, bailes, festas, piqueniques, como lá se diz, ou convescotes, como queria o Dr. Castro Lopes, Estação e estações, chás de quem os tomou em pequeno e de quem os não tomou, etc., etc., etc.

Não. Nada disso. Para não dar no que tanta gente já disse, teria de ser indigesta salada, daquellas que, como a de pepinos, depois de temperada e bem mexida, devem ser jogadas fóra.

Prefiro, pois, dispensar a salada. Livreme de preparal-a, e os outros livram-se della.

Não tratarei, assim, do meio em que nasceu e vive a Academia Petropolitana.

Desta tambem não farei a historia. Deve caber isso a um dos seus componentes.

Para mim a Academia é Nair de Teffé Hermes da Fonseca.

Se me disserem,porém, que uma grande estima empresta ás minhas palavras o cunho da suspeição, replicarei transcrevendo estes versos de Raymundo Corrêa :

"Acaso as almas poderei sem custo
Ver perspicuo e melhor só quando odeio ?
E' preciso odiar para ser justo ?"

E se voltarem com a objecção de que nem uma cousa nem outra, pois só a neutralidade é que convém, desviarei o golpe dizendo, como todo o mundo, que as victorias ou as derrotas são dos que dirigem, dos que commandam, dos generaes.

A' marechala que, como illustre presidente da Academia Petropolitana, lhe está no commando, devem caber, pois, os louros de sustentar, contra as investidas da má vontade de uns e o desamor de outros, as posições já conquistadas pela sympathica aggremiação, e de lhe evitar preparando a marcha para frente.

Não faltará, então, quem não veja impropriedade no titulo destas "mal traçadas linhas".

Mas não será bem. Por duas razões cada qual mais forte, mais eloquente, mais decisiva, sendo a primeira que elle foi lançado antes que a penna soubesse aonde iria, e segundo, que, a justifical-o, vae, como originalidade digna de nota em escriptos de natureza deste, a reproducção de uma photographia caracteristica.

Portanto, se o titulo não disser bem das minhas palavras, dil-o-á da assembléa que aqui apparece numa sessão solemne.

Na cadeira presidencial, como ahi se vê, em casa, na rua, nas festas, na sociedade, em toda a parte a dedicação da Sra. Hermes da Fonseca não esmorece. Ella se occupa sempre da sua querida academia com o maior carinho.

Seu espirito inventivo não descansa de engenhar meios de fazer do seu gremio uma sociedade desejada de quantos encontrem requintado goso no convivio intellectual de gente de espirito.

Foi assim que tratou de remodelar aquelle cenaculo e reformar-lhe os estatutos, dando-lhe, além do objectivo com que elle se fundára, um destino social mais generalizado, pela diffusão do ensino e da cultura physica ás classes menos abastadas. Procurou tambem fixar dias de reunião, e cuidou da publicação de uma revista trimestral.

Pensou ainda em limitar o numero dos componentes da Academia. Difficultar-lhe a conquista para tornal-a mais cobiçada.

Li de Unanumo que "o céo da gloria não é muito grande, e quanto mais nelle entrarem menos tocará a cada um".

E' certo que o céo de Petropolis é dos menores, mas não deixa por isso de ser dos mais bellos. Convém, pois, que as suas portas se abram sómente a quem se esforçar por merecel-o. Só quando a Academia não fôr para muitos, mas só para alguns, se terá, deveras, valorizado.

E' assim que a illustre presidente comprehende o seu

(Termina no fim da revista)

RUY BARBOSA
NESTA CASA
PASSOU
Á
IMMORTALIDADE
ESTREMECEU
A PATRIA
VIVEU
NO TRABALHO
NÃO PERDEU
O IDEAL

Quando a gente passa na Avenida Beira Mar, perto da Lapa e perto da Gloria, vê de longe uma parede com annuncios de medicamentos. No meio delles, o anno passado, os maiores eram o do Bi-Urol e do Procopio. Procopio, quando foi para São Paulo, mandou tirar o delle. Quando veiu, não mandou botar mais. Pois aquelle annuncio estava certo. Procopio é um remedio. Não cura o theatro brasileiro. Isso não tem importancia. Já se sabe que o theatro brasileiro é incuravel. Mas Procopio impinge alegria á população, alegria que sólta gargalhadas dentro do Trianon, córre pela sala de espéra, invade as ruas, trépa em cima dos telhados, enche o ar... O ar que a terra carioca sórve... Por isso é que a gente ás vezes anda tão burra e não sabe porque...

O empresario Giocoli está organizando para o Trianon uma companhia de comedias. O "estrello" vae ser Mesquitinha, popular actor, o mais notavel dos nossos theatros de revistas. Mesquitinha creou um typo: o do brasileiro vagamente funccionario publico, bagunceiro, malandro, prompto, especie de Carlito dos suburbios. Elle repéte sempre esse typo e sempre com vantagens. E' um caso sério de instincto. Em peças com autores, de personagens differentes, sem musica e sem cacos, deante de um publico um pouco melhor, Mesquitinha prestará ? Deus permitta que sim.

ROULIEN

# Theatro

TEMPORADA OFFICIAL

MADAME MARTHE FABRY

Outra companhia em projécto: a de Hortensia Santos e Restier Junior.

Theatros em actividade : Municipal (Companhia de Comedias André Brulé - Madeleine Lely), Republica (Companhia de Operetas Estevão Amarante-Luiza Satanella), Trianon (Companhia de Farças Procopio Ferreira), São José (Companhia de Sainetes Manuel Durães - Dulcina de Moraes), Lyrico (Companhia de Films Scenicos Raul Roulien), Recreio (Companhia de Revistas Antonio Neves), Casino (Companhia de Revistas Margarida Max).

# MARIA OLENEVA E O SEU IDEAL

ESTA', de novo, á frente da Escola de Baile do Theatro Municipal Maria Oleneva. Ella a havia fundado e, durante um anno, com a obstinação e cegueira de um apostolo, trabalhou tanto que se exhauriu, enfermou gravemente, e teve de procurar repouso e cura em outros climas.

A Suissa nol-a restituiu sã e robusta. Suas idéas de hontem são as de hoje. Ella quer ao Brasil como se nelle houvera nascido e sonha implantar na raça que aqui se alabora o gosto pela dansa classica que é, no seu aspecto mais amplo, o gosto pelas bellas attitudes e pela correcção das linhas do corpo humano. Os modernos cursos de dansa não têm, por objectivo, sómente o ensino choreographico, são verdadeiros centros de cultura physica.

Ali se pratica, ordenadamente, a gymnastica, interessando, em cada etapa, o tronco, o pescoço, os braços, as pernas e os pés, desenvolvendo a musculatura, emprestando maior vitalidade aos orgãos.

Vem, depois, os elementos choreographicos, com o contrôle de movimentos e attitudes, e, por fim, a dansa propriamente dita, applicação artistica dos conhecimentos e qualidades adquiridas.

A Escola do Municipal visa crear um corpo de baile que actúe nas temporadas lyricas ou talvez, mesmo, como quer Oleneva, uma companhia brasileira de bailados.

Póde, no entanto, ser frequentada por quantos, não se destinando á carreira theatral, não sejam infensos aos beneficios de tão salutar exercicio, que o moderno culto pela belleza physica põe na ordem do dia.

Nós nos devemos felicitar por possuirmos uma artista como Maria Oleneva e com muito maior razão ainda, por a vermos dedicar-se, de moto-proprio, a emprehendimento sobremaneira fatigante, cuja remuneração unica é a satisfação de um ideal.

A Prefeitura Municipal, como cooperação, limitou-se, até agora, a permittir que a escola fosse fundada se ficasse funccionando em uma dependencia do Theatro Municipal.

E' pouco e é muito. E' muito, deante do classico indifferentismo do poder publico por esses assumptos.

E' pouco, porque auxilio mais efficiente prestigiaria enormemente a idéa, assegurando maior expansão á escola.

O Governo dispende grandes quantias contractando missões e summidades estrangeiras que aqui vêm ministrar conhecimentos uteis á nacionalidade.

E' esse o caso de Maria Oleneva, summidade tambem que quer ser e está sendo util ao Brasil.

Devemos facilitar-lhe tudo, conceder-lhe quanto peça, porquanto está pedindo para nós e nós é que estamos recebendo.

A obra a que se dedica de corpo e alma é, muito mais, do nosso interesse, que do della.

Attente, pois, nisso, o poder publico municipal.

**As famosas bailarinas "Sisters G., Carla and Leanor", que trabalharam com Paul Whiteman, em Nova York.**

# A MOÇA QUE NÃO

POR CARLOS RUBENS

PARA ALVARO MOREYRA

DACTYLOGRAPHA da Companhia de Caminhos Subterraneos, ao regressar do "lunch", abrindo a bolsa para se rever no pequeno espelho quadrangular, Inah de Assis dera com a carta que recebera pela manhã e em que havia uma escondida confissão de amor.

Pegou-a sem interesse, guardando-a com um sorriso de mofa. Ao seu lado, vendo-lhe o gesto frio, Fulvia indagou:

— E' delle?

— E'.

— E o que e que elle diz?

— As mesmas historias de sempre. Que me ama. Que será capaz de morrer por mim sob um omnibus ou atirando-se de uma barca da Cantareira ao mar...

— Mas olha que esse é um rapaz do outro mundo. Com uns olhos... Eu, se fosse você, acceitava.

E após breve pausa, ageitando os cabellos:

— Para casar, não. Para divertir. Gosar. E parece que tem as "notas"...

Inah fez que não tinha ouvido nada. Começou de trabalhar indifferentemente. A alma longe. O coração longe do circulo tenebroso das paixões que são noites e são sól.

* * *

Inah e Fulvia eram irmãs. Morenas. Da mesma altura, do mesmo corpo, confundindo-se quasi na mesma sympatia. Sem serem bonitas, agradavam pela mocidade attrahente.

Fulvia era arrebatada, doidivanas, vendo a vida pelo lado das alegrias desmedidas, deixando-se levar pelos abrazamentos turbidos da idade, apaixonada sem paixão, exaltada e extravagante, moderna, emfim.

Ignorava os limites da moral, até onde iam as convenções, achando que quanto praticava era o menos que uma creatura da sua idade devia praticar.

Os paes não lhe punham freio ás leviandades, o que por ella era visto, quanto fazia, por natural e até "chic".

Futil e de natureza expansiva, sem noção real do mundo, Fulvia passava por uma creatura destrambelhada e capaz de peccados e desvios.

A irmã, não. Era a antithese. O reverso. Como se não vira ainda mulher que tal. Fria. Alheia aos homens e aos affectos amorosos. Como se não tivesse coração ou só o tivesse para mais resultar a sua singularidade physiologica.

Emquanto a irmã, mal sahia do Collegio em que ambas tinham sido educadas, tornava-se uma inquieta mariposa á flama das paixões que fremem os sentidos e passam, papeando á alegria da juventude, idéas que ella admittia que lhe enxameassem a cabeço — Inah se conservava como uma agua parada, limpida, que não reflectisse nem vulto de ave no ar tranquillo nem as frondes amplas. Exquisitas.

Não attentou nisso ao começo. Não podia attentar. O primeiro namorado que appareceu não lhe causou grande jubilo. Recebeu-o contente, todavia. Ouviu-lhe as phrases arrebatadas, as confissões, as promessas, como sentiu na mão morena e breve, o seu beijo fremente.

Não correspondeu como devia as phrases e os affagos do namorado, que achava digno de estima e lhe causava uma impressão visual quasi ridente.

Certamente que o haveria de querer e amar muito, como a irmãzinha que amava, e no embaio do amor viver gloriada e em sonhos. Certamente que veria a pensar muito nelle e a gostar delle e a exigir-lhe a presença, como Fulvia exigia a do que amava com tanto arrebatamento e extasi. E no pequeno universo desses pensamentos, veiu-lhe uma vontade de escrever ao namorado.

No seu quarto, sosinha, envolvida num vestido leve e de ouro que lhe modelava o corpo gracioso e perturbador, Inah resolveu escrever ao primeiro homem que lhe batera á porta do coração sem paixões. Molhou a penna, traçou-lhe o nome no papel côr de rosa-chá e olhando-se no espelho oval do "toilette", como se pôsasse para um pintor invisivel, esperou que lhe dealbasse uma idéa. Esvairam-se minutos. Relanceou os olhos em torno do quarto, e espraiando-os sobre os objectos e o tecto. Nada. Levantou-se, deu alguns passos, foi á janella olhar o jardim florente, as arvores ramalhando á luz matinal.

Não lhe accudia uma idéa. Voltou a sentar-se e ficou a meditar no que deveria dizer. Vasculhou o cerebro á cata de inspiração. Deviria dizer um milhão de coisas ao namorado, as coisas que a irmã dizia a quantos encontrava, amando-os ou não.

Olhava o papel côr de rosa-chá, a penna

# TINHA CORAÇÃO

doirada, a tinta verde; mirava-se no espelho oval do "toilette", percorria os olhos pelo aposento, distrahindo-os sobre almofadas, retratos, jarras com flores, moveis, "bibelots". E cerrando as palpebras, como se quizesse ver interiormente, Inah esperava a idéa que não vinha.

Seria porque nunca escrevera uma carta de amor? Talvez fosse. Mas com a penna na mão, deante do papel em que apenas verdejava o nome do namorado, Inah esperou ainda a inspiração coligena. Debalde.

A irmã escrevia tantas cartas! Dizia tantas coisas, muitas até colhidas em romances, ouvidas da bocca das amigas, lidas noutras cartas!

Riu do embaraço em que se debatia. Riu e atirou estabanadamente a penna sobre o marmore.

* * *

Começando a trabalhar, Inah não teve difficuldade de encontrar rapazes que lhe dissessem amabilidades e lhe tentassem desvendar o tenebroso mundo da perdição. Encontrava-os diariamente no bonde, no omnibus, na rua, no escriptorio, no cinema. Mas não os ligava muito.

Desenhos de J. Carlos

Todavia, quando o segundo namorado appareceu, acceitou-o prestes. Com esse haveria de ser mais feliz, sentil-o melhor, casar-se. E não haveria de ser tão acanhada como acontecera com o primeiro. E haveria de escrever-lhe cartas apaixonadas, dizer-lhe phrases sem falsuras.

Enganou-se, porém. O namorado não lhe causava a minima impressão, não lhe despertava o minimo desejo. Via-o, e era como visse qualquer outra pessoa; olhava-o de perto, nos olhos castanhos, e nada sentia; e longe delle, procurando recordar-lhe as palavras e a figura, não a pungia a mais vaga sombra de saudade.

Attentou, então, na singularidade e deixou que o segundo amor provocado morresse na melancolia e na indifferença.

Por vezes, sem dizer o phenomeno que animava, inqueria das amigas se tinham o coração morto, insensivel ás emoções do amor, duro á delicia inquietadora das paixões, agenésiado.

Nem uma creatura só encontrou egual a ella. Num, uma deixava de gosar os amores felizes e de ambicionar todos os amores não experimentados. E devendo soffrer com isso, torturarse á folgura do coração inrefrangido, Inah ia vivendo sem saudades nem desejos. Como se não tivesse coração, e fosse de gelo. Morta...

* * *

A irmã ignorava-lhe o segredo. Por isso estranhava-lhe a mocidade sem paixão, a vida sem amor. E por isso tambem achou que ella devia namorar o rapaz "que era um rapaz do outro mundo".

Ella, porém, não disse nada. Sabia que era inutil qualquer esforço. O coração não pulsaria nunca como o das outras. E como nada sentisse de jubilo ou de magua sem o affecto que é o motivo de viver de tanta gente, riu do homem que a queria arrastar ao sentimento que torna a vida digna de ser vivida.

E porque não tinha coração, que o mesmo era tel-o insensivel, não amou nunca.

*Dansa nacional da Bulgaria*

*Casa popular da Lettonia*

*Em baixo, o Principe Pierre da Yugoslavia, herdeiro do throno, vestido de "skieur" em Bled*

*Indios do Chaco, Argentina*

*A pintora historica Charlotte Heggi*

# DA TERRA DOS OUTROS

*No dia da proclamação de "Miss Rio de Janeiro", o senhor Geraldo Rocha, presidente da Sociedade Anonyma "A Noite", ao retirar-se do estadio do Club Vasco da Gama, com sua senhora, foi longamente victoriado pela multidão que sahia da grande parada de belleza.*

■ ■ ■ ■ ■ ■ ■

# De João da Avenida

## Cleopatra do Posto IV

Nunca em posto qualquer mulher alguma
Tal enthusiasmo e tanto amor lograra:
Pára o transito em tôrno. Ella é tão clara
Que prejudica o alvor da propria espuma.

Para beijar-lhe os pés desnudos, para
Sentir o odôr que o ar em redor perfuma,
O bando dos "trahiras" se avoluma
E a um tempo todo querem dar a cara.

E ella, a filha dos extases supremos,
Não tem "triremes" de doirados remos,
Mas em compensação, se o olhar espraia,

Marco Antonio lá está com os olhos nella:
Infeliz Marco Antonio! E' um magricella
Que anda pescando tatuhy na praia.

## O prestigio das costas núas

*"Nas altas rodas de Paris, emquanto as pernas se escondem debaixo das saias longas, augmenta o decote nas costas das mulheres".*

Estão em crise as pernas. Hoje em dia
Vive a Moda adorando de mãos postas
Não um braço de linha esbelta e esguia
Mas a nivea brancura de umas costas.

Pelas partes do corpo mais expostas
O homem passeia o olhar com mais franquia,
Amando no emtanto as partes mais compostas
Que as costas são de pouca serventia.

E como a cotação foi repentina!
Antes voltasse Dona Flôr — menina,
Com as anquinhas bojudas e suppostas.

Tudo o que hoje se vê não se veria
E o desejo dos homens não seria
Ver todas as mulheres... pelas costas...

# A Sala da Boa Leitura

Nos meios intellectuaes de São Paulo, o nome de Oscar Santos se tornou querido e admirado de todos, não só pela dedicação extraordinaria com que presta os seus serviços á gente da imprensa, como tambem porque a casa do illustre medico vive, como o seu grande coração, aberta á todos aquelles que, pela intelligencia e caracter, se fizeram merecedores de sua estima.

Agora mesmo, Oscar Santos, que tem a volupia das boas amizades, acaba de inaugurar em seu confortavel apartamento da rua Ypiranga, a sala da boa leitura, onde os intellectuaes de merito poderão apresentar os seus trabalhos antes de publicados.

O primeiro a se apresentar em tão sereno ambiente, foi o festejado jornalista José Maria dos Santos, com a leitura de alguns capitulos do seu livro a sahir "A politica geral do Brasil".

A poetisa paulista senhora Ide Schloenbach-Blumerschein (Colombina), autora do livro "Versos em Lá Menor", que tem recebido os maiores elogios.

✣ ✣ ✣

Na inauguração da "Sala da Boa Leitura", em São Paulo.

Na photographia ao lado estão, sentados da esquerda para a direita: Dr. Oscar Santos, José Maria dos Santos e Martins Fontes. Na mesma ordem, atraz: Paim, Plinio Cavalcanti, Luiz Fuzzaro, Afranio Amaral.

# Moacyr de Almeida o Santo

De Moacyr de Almeida, morto aos 24 annos, se póde dizer o que Remy Gourmont disse de Ephraim Michael: "morreu tão cedo que não pôde ser julgado; deve ser simplesmente amado". Era Moacyr de Almeida senhor de invejavel fecundidade. Seus poemas, ricos de seiva e movimento, dava-os, emprestava-os a qualquer pessoa, indifferentemente. Muitos se perderam e outros, que podiam formar livros luminosos, queimou-os, considerando-os fracos. Desde cedo mostrou-se um temperamento masculo, como feito de um sopro marinho. Suas mãos frageis sonharam erguer estandartes floridos e flammulas de gloria.

Nascido numa familia de poucos recursos, mal sahiu dos bancos da escola publica do bairro onde morava, entrou para a Escola Normal com a intenção de aprender, sem que fosse pesado á familia. Já escrevia versos como estes, que muito membro da Academia assignaria agradecido:

DESTINOS

Nossas almas são dois regatos crystallinos,
Brotam da mesma rocha, em dourado alcantil.
E rolando, de fragua em fragua, em flores e hymnos,
despenham num clarão verde e primaveril.

Rolam — aves irmãs — nos vôos diamantinos,
batendo a asa de espuma em flor ao sol de anil,
E entre a nevoa, de sons brancos e peregrinos,
no seu fundo se ajoelha o azul do céo divino.

Na séde da Sociedade dos Artistas Brasileiros, depois da reunião em homenagem a Moacyr de Almeida

E separaram-se um dia, ao
soluço das aguas...
Triste destino! E, emtanto,
em ninho azul de fraguas,
Têm, na montanha de ouro,
um mesmo coração...

E separando-se vão rolando...
vão rolando...
Tão longe! Asas em flor!
Valles e flores noivando...
E elles, — tristes de nós! —
jámais se encontrarão!...

Quando Moacyr escreveu esses versos tinha quatorze annos. Começou cedo. Começou por onde raros acabam. A razão era simples: não tinha cinco sentidos como toda gente. Tinha mais um que era a somma dos outros: o sentido divino da intelligencia. Não se manteve, então, como desejava, na Escola Normal. As difficuldades de famil'a eram innumeras. Alguem que lhe conhecia o talento, arranja um meio de collocal-o no vespertino "Bôa-Noite", onde iniciou a sua carreira de jornalista, passando-se depois para o "Brasil", e mais tarde para a "Vanguarda". Depressa creou fama de ser um jornalista esplendido, um jornalista com idéas, o que é raro actualmente. Consumiu o melhor de seu enthusiasmo e de sua vida nesse trabalho exhaustivo de animar periodos e columnas.

A noite, que podia reservar para descanso, gastava-a no seu mistér de critico theatral. Residindo longe do centro, deixava-se ficar pela cidade, sem jantar, á espera do espectaculo. A's vezes, quando lhe sobravam recursos, tomava a sua mediazinha que, de alguma maneira, enganava a fome. Não contente da parte da noite perdida, no theatro, Moacyr de Almeida gostava de andar a pé, atravez de ruas vazias de gente e erma de vozes.

**Senhora Nieves de Castro V. de Zayas. Ella acaba de publicar "Remembranças Intimas" (páginas de dolor, de evocation y de ensueno), escriptas com o rythmo de uma sensibilidade que foi pisada e de uma intelligencia que procura no soffrimento o grande consolo da solidão.**

Fiz-lhe companhia dezenas de vezes nessas longas caminhadas. A sua bohemia era quasi ingenua: amoroso da noite, ia elle por dentro da treva, mettido em scismas ou repetindo os versos que escrevia, sob a luz amiga das estrellas. Trajava-se decente, mas pobremente. A unica riqueza que lhe dera o destino chamava-se imaginação. Com esse ouro, amoldou a sua arte. Podia faltar-lhe o pão, uma palavra amiga, pouco se lhe dava! Bastava repetir baixinho um poema, ou olhar um pedaço de céo azul; e sentia-se consolado. A poesia tornou-lhe a existencia menos amarga. Sonhou todos os sonhos. Era mais espirito que sentidos. E se houve alguma mulher que elle tenha amado doudamente, essa mulher se chama Arte, e tem a belleza de todas as mulheres. Embora decepcionado, se viciado pela vida, desilludido, escreveu um poema sobre Jesus, tão bello como aquelle de Francis Jammes, poema que tem este verso genial: "o cruzeiro do sul das chagas de Jesus". Como a madrinha de Cendrillon, Moacyr possuia o dom de transformar os obje-

ctos, dando-lhes pompas gloriosas. Tinha um gosto especial pela allegoria que Charpentier dá como um esforço da imaginação em corporificar as puras concepções da intelligencia. Pena é que as condições da vida lhe fossem tão precarias. Semana a semana emmagrecia de metter pena

— "Toma cuidado, Moacyr"...

— "Ora, a vida"... Pouca importancia dava á vida. E não lhe daria importancia alguma se não fosse o sonho que ella nos dá. De alma leve como a sua mão, quantas vezes o vi levantar ebrios pelas ruas. Amava doudamente a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, que lhe mereceu, pela "Vanguarda", uma reportagem admiravel, onde os seus encantos e miserias eram exaltados. Intimamente, preferia, sem duvida, que o padroeiro da cidade fosse São Francisco de Assis, que é o santo dos artistas e dos pobres, de que o Rio vive cheio. Moacyr de Almeida, numa viagem de bonde de cem réis, ao passar pela rua Marechal Floriano, e vendo a multidão humilde se encaminhar para a Estrada de Ferro, disse-me, de uma feita: — "Dizer que tudo isso está condemnado á tuberculose". E um clarão de lagrimas illuminou-lhe o olhar, pensando nos pobres e, sobretudo, nos poetas e nos artistas que morrem pobres e tuberculosos, não obtendo para a fronte nem a corôa de gloria, nem sequer uma corôa de lagrimas. Uma das maiores alegrias de sua vida fôra numa noite de orgia. Mulheres pediram que elle dissesse versos. Moacyr recitou-lhes então a "Mater Dolorosa". Como choraram! Ao ver que tantos olhos se tornaram mais lindos depois das lagrimas, Moacyr quasi chorou de contentamento. Mas não só essas pobres creaturas se commoveram por ouvil-o dizer. Moacyr crescia deante do que o ouvia. Agigantava-se. E a gente não sabia o que mais admirar, se a belleza dos poemas, se o deus estranho que creou taes mundos com o marmore da emoção. Demais, a sua vida eriçada de angustias estava nos poemas que dizia. E é bom lembrar a mais bella festa que a sorte lhe deu. A noite em que foi coroado principe dos bohemios. Eram mais de vinte rapazes festejando a entrada do anno novo, ali, num "bar" do Icarahy. Procedeu-se a eleição para "principe dos bohemios". Moacyr ganhou. Fizeram-lhe uma corôa de plantas agrestes. Coroaram-no entre canticos e palmas. Vestido pobremente, muito pallido, muito magro, mais parecia o Nosso Senhor da minha geração... Adoeceu uma semana depois. Não podia vir á cidade. Uma constipação. Cada vez peor. Já tosse tanto... Uma agonia que durou mezes... O Santo da minha geração nunca se revoltou. Nunca uma palavra mais cruel lhe veiu á bocca. Acceitou resignadamente todas as dôres.

Meia duzia de amigos acompanhava, com a maior das dedicações, o soffrimento do grande poeta. O velho pae de Moacyr de Almeida, amoroso ao extremo, percebendo que o desconhecido ia levar-lhe para sempre o filho genial, não resistiu. O coração, cansado de tanto bater, estalou uma semana antes da tarde em que Moacyr de Almeida morreu docemente, como um passaro, numa pobre casa dos suburbios.

Recordo-o agora — como o vi sempre, com algo de passaro no perfil, vivendo sempre em estado de graça, sem odios, sem invejas, sem rancores. Não apedrejou pessôa alguma. Só apedrejam os que se curvam para o chão afim de colher pedras. Elle, ao contrario, andou sempre de olhos nas alturas. Foi por ter uma alma assim tão leve, que partiu mais depressa.

PASCHOAL CARLOS MAGNO

**Ary Pavão é um homem de jornal depois de ter sido um homem de theatro. Elle fez satyras terriveis em scena. E faz satyras terriveis nas folhas em que escreve. Algumas, de certo, exaggeradas. Quasi todas certissimas. Com alguns estudos do Brasil de agóra, Ary Pavão fechou num livro as suas estancias de punhal valente. Por onde ellas passam o sangue fica correndo. E a gente vê o sangue correndo e em vez de sentir pena acha uma bruta graça. Que Ary está entre os melhores escriptores da nossa terra, todos sabem. Mas nem todos sabem que a Concentração Eleitoral do 1º Districto, com os Srs. Dr. Oswaldo Martins Tinoco, Mario José de Almeida, João Carlos de Almeida á frente, vae apresentar a candidatura de Ary Pavão para intendente municipal. Candidatura vencedora o que envaidéce o Legislativo da Cidade.**

■

**O Sr. Ambrosio Lameiro, muito estimado industrial na nossa praça, com sua excellentissima esposa e filhinhos, que neste momento viajam com elle a caminho da America do Norte, onde se demorarão alguns mezes.**

# PEQUENAS COMPENSAÇÕES

POR DANTE COSTA

HA muita gente que inveja a sorte dos poetas. O prestigio que elles têm.

Ha muita gente que quando vê um poeta cercado por tres mulheres, cada qual a mais faladora, fica se remordendo de uma inveja doida como se isso fosse coisa apetecivel...

Eu vejo as coisas de outro modo. Como ellas são. Por isso penso que tudo isso deve ser grandemente incommodo. Todo esse interesse, toda essa importancia, todo esse prestigio feminino, tudo isso deve deixar o pobre poeta profundamente abalado...

Naturalmente que não estou falando desses poetas massudos, metaphysicos, que falam difficil e fazem a turma fechar o livro com somno.

Esses são felizes. Ninguem cuida delles. Ficam no seu canto escuro...

O que eu calcúlo é o tremendo supplicio dos poetas de verdade. Desses que todo o mundo lê. Que a gente escuta com gosto.

Elles passam por cada coisa...

Avaliem:

Ha recepção em casa de Mme. Salles da Vega.

Mme. Salles da Vega é uma senhora distinctissima, viajada, (o que neste paiz quer dizer culta), rica e muito querida, apesar de ter dente de ouro...

Pr'as suas recepções madame não se chega. Quer é que sejam faladas, e ganhem no outro dia uma chronica deste tamanho daquelle rapaz alto, elegante, que diz coisas amaveis e que é chronista mundano.

São escriptores. São homens graves de sciencia. São diplomatas de monoculo implicante. Pianistas. Senhoras que cantam, segundo dizem... Homens lamentaveis. Intelligentes. Mulheres. Os poetas. E as "moças espirituaes"...

Eu deixei os dois juntos de proposito: os poetas e as taes "moças espirituaes".

O rapaz chega inofensivo, feliz, sem suspeitar da calamidade que está guardada pra elle...

A "moça espiritual" agarra. Logo. Ouviu dizer que elle faz "versos de amor". E que é chic a gente falar com elle.

Zás!

Toca a falar. De tudo. Si elle é novo, xinga o rapaz de futurista. Si não é, não faz mal. Fala, fala, fala. E não diz nada...

Essas "moças espirituaes" deviam ter um capitulo especial. Um capitulo em que se falasse do seu francez incorrigivel, que só serve pra atrapalhar a vida de um homem bem intencionado...

Pois é.

A noite inteira o pobre poeta tem que se ver ás voltas com a sua admiradora. E tome elogio, e tome declamação, e tome intelligencia, que ella não pode perder essa opportunidade...

O supplicio faz pena. Dura a noite inteira. O poeta se remexe todo, sorri amarello, é amavel, boceja, cruza as pernas, mas no fim tem sempre de assignar no album, pois quem mandou elle ser o poeta preferido della?

Quem mandou?...

Está ahi.

No fim da festa toda a gente sáe feliz.

O poeta beija a mão de Mme.Salles Vega, beija a mão da "moça espiritual" e sáe, depois de agradecer a noite encantadora que passou...

Só não se mata porque já leu Schopenhauer...

E vae pra casa, cabisbaixo, molongó, com os ouvidos cheios das coisas atrózes que a "moça espiritual" quiz despejar em cima delle...

Não dá pena? Dá. Um episodio desses larga qualquer um acabado. E só não fica com pena, quem ainda não supportou o espirito e a intelligencia dessas moças, duas coisas immensamente vagas...

— De que a gente se livra não sendo poeta nesta terra, hein?...

# DE ELEGANCIA

VOLTARAM todos?

— Todas.

— E elles?

— Não contam... Não se surprehenda. Não contam aqui, onde sequer dizer que as elegantes já perambulam pela cidade, que as casas de chá, as lojas, os omnibus, os automoveis particulares readquiriram a animação elegante da official "saison". Cruzam-se baratas e "limousines" cruzam-se mulheres lindas pela Ouvidor, pela Avenida, pelo quarteirão dos arranha-céos. No Dorét, na Colombo, no Leblon, no Fadigas, no Paschoal, cortando os cabellos, polindo as unhas, gastando alguns minutos na massagista, bebendo chá, fazendo compras, passeando apenas para admirar as vitrines, as elegantes movimentam-se pela cidade, e as rodas dos homens augmentam, juntam-se elles pelas calçadas, ás portas dos cafés, nas esquinas para ver as passantes, admiral-as, cobiçal-as... A policia de costumes ainda não deu para evitar os atropelos do "desfile", os ditos raramente espirituosos, quasi sempre banaes, geralmente grosseiros. Mesmo assim a estação promette maravilhas. Companhia franceza do Municipal, concertos, conferencias, e depois, a glorificação da belleza, miss Universo eleita e applaudida no Rio e a serie de festas a todas as outras, estrangeiras e nacionaes. Vieram "touristes" attridos pelo carnaval carioca; virão "touristes" para o prestito da formosura.

— Qual a mais bonita, para você?

— Para mim... Todas, cada qual no seu typo, em cada uma um encanto diverso, um "quê" especial... Para todos os gostos, como ha iguarias para todos os paladares...

— Salvé!

— Quem é?

O Mario Lopes de Castro, poeta e medico, creador de canções que as victrolas nos transmittem em discos excellentes. Mais adiante uma roda de politicos. Commentavam ainda os trabalhos do reconhecimento. Dinorah Mello, e Rachel Souza Leão, elegantes e risonhas; Gina Cavalliére, de côr de vinho, alta, fina, graciosa; a senhora Mello Vianna num "tailleur" de "tweed", e seu illustre esposo; Carmen Violeta muito suggestiva num vestido de setim preto; Izabel de Maurtua, branca, loura, formosa, vestida de seda verde garra-

fa; Olga Praguer, de vermelho lacre; Adriana Bezansoni e Gabriella Bezansoni Lage; a senhora Piergili, Guiomar Novaes, Anna Amelia Carneiro de Mendonça, Léa Azeredo da Silveira, Odette Gasparoni; Maria Leonarda de Almeida, de branco, bonita e joven; Stella Mar, linda figura do cinema brasileiro, e das mais caprichosas na maneira de vestir; Leonor Posada, de "beije"; Marina Padua, de preto e branco; de azul marinho, muito parisiense, a senhora Mariano Procopio, e de cinza a senhora Prado Junior; Doralice Seixas, a senhora Schonoor, Maria Augusta Brandão, Delia Fontoura, a senhora Gervasio Seabra, a senhora Léo de Affonseca;

dos e pregas; "georgette" azul pastel e renda; "manteau" de setim nacár e "renard" louro claro; vestido de setim nacár feito do lado brilhante e do fôsco; vestido preto de crêpe da China; tulle rosa sobre "lamé" azul e prata; "moire" rosa palido recortado em "godets" irregulares; "georgette" dhalia; filó preto e fita; musselina estampada; velludo de seda preta, flexivel, e branco para dois vestidos parisienses.

* *
*

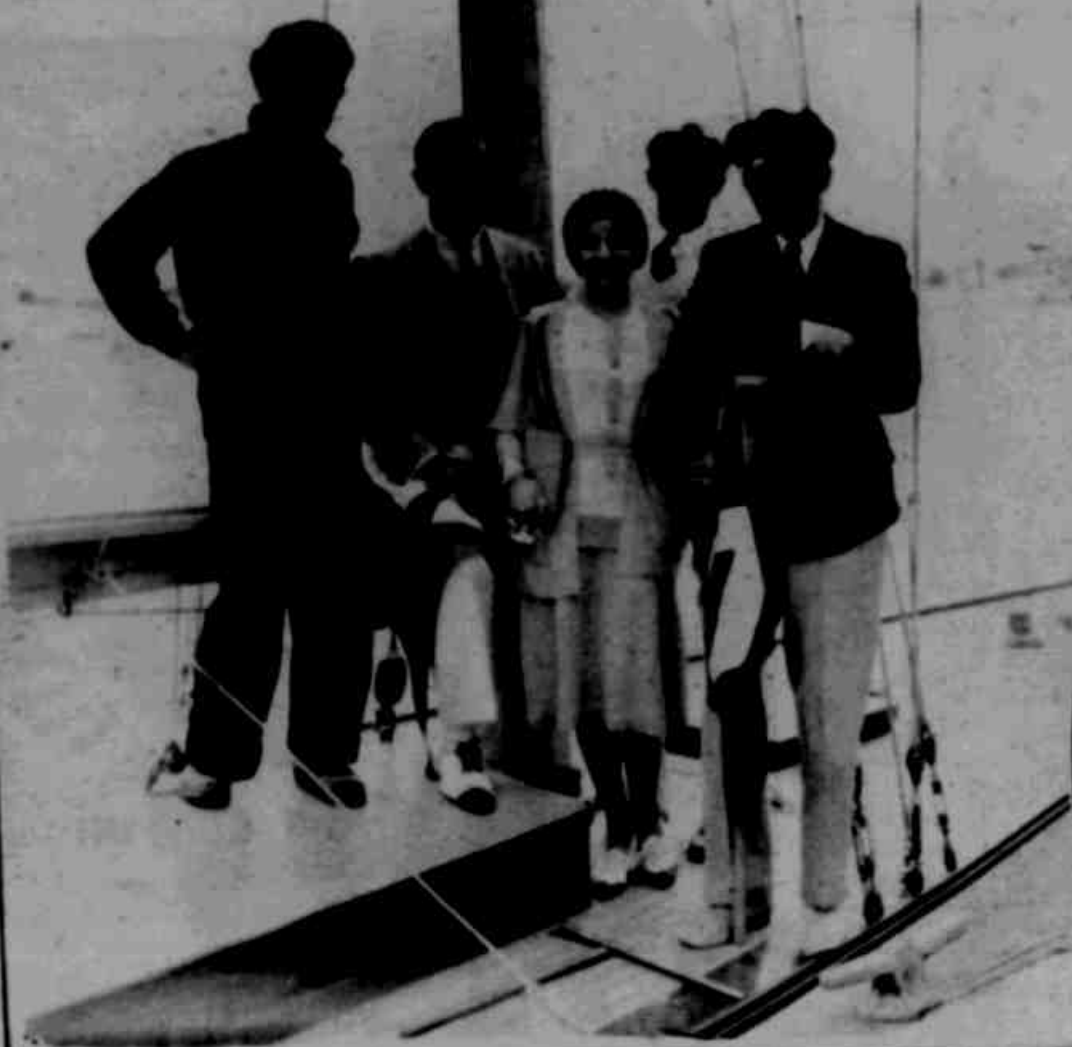
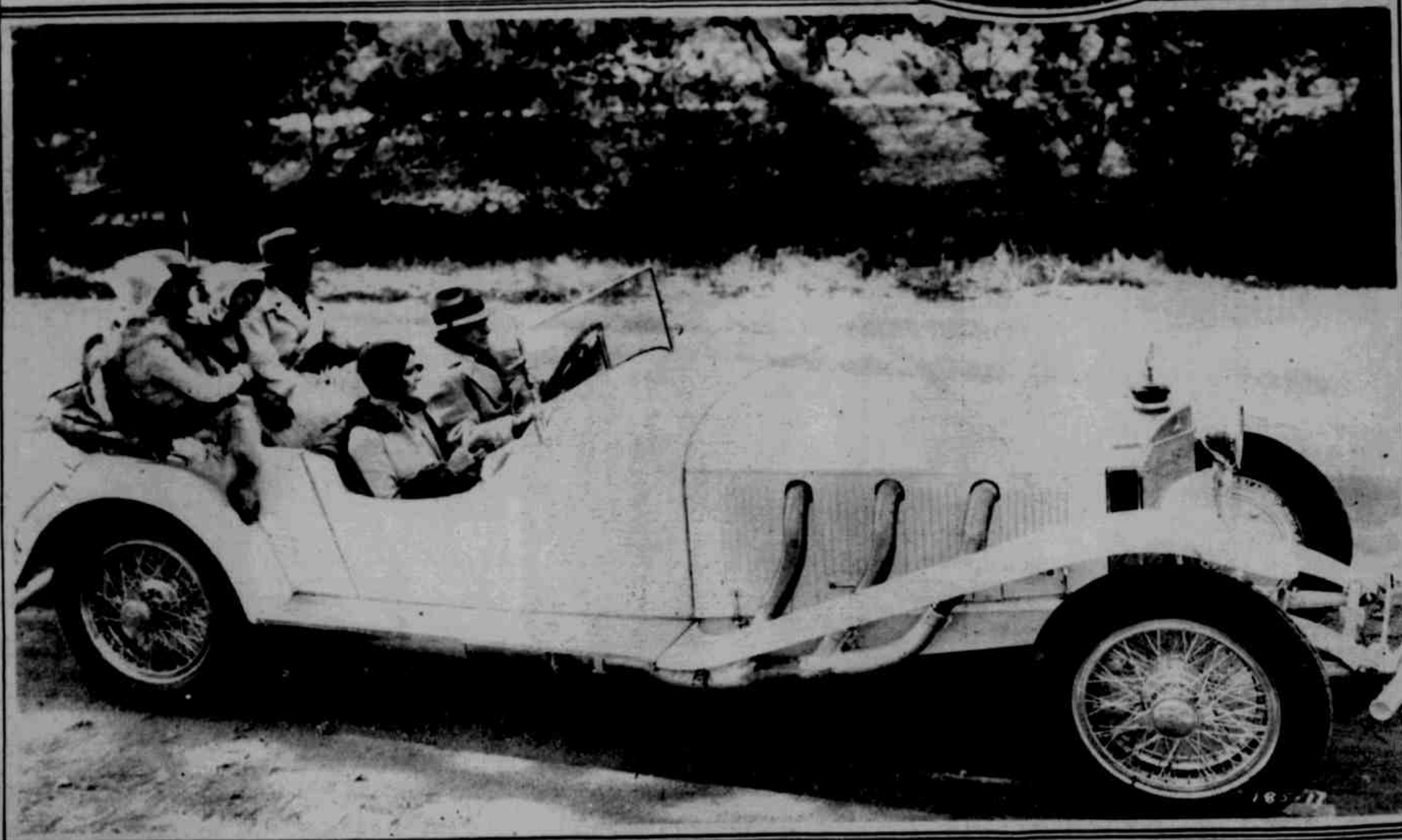
Na Casa Machado: rendas e pelles.

Margarida Max, alegrissima, vestida de azul ·ey; Emma Lins, Gracia Morena...

Uma tarde encantadora. A boquinha da noite, em attitude de quem ainda espera, Othon Paulino confiava as pontas do bigode chinez. A caminho noto: Sebastião de Rego Barros, Arthur Lemos, Floriano de Góes e Henrique Maggioli, Leitão da Cunha, Sá Filho, Henrique Dordsworth, Antonio Penido. Acompanhado de jornalistas, Maricio de Lacerda.

Estação official e abertura de Congresso. E animados todos com a animação das cousas em começo...

* *
*

Baile e theatro: vestido de "georgette degradé" do louro ao havana escuro, "pammeaux" recortados e festounados; taffetás rosa, tons "degradés", para um vestido de estylo: "georgette" palha, plissa-

*Em cima, á esquerda: Antonio Moreno e Maria Alba num dos barcos do California Yacht Club com tres socios da sociedade nautica. — A' direita: Constance Merdith e Sidney, numa scena de amor. Em baixo: Geneva Mitchell, Frank Albertson, Barbara Leonard, Jimmie Eagles, Dorothy Mathews e Richard Barthelmess, turistas.*

# HISTORIA DA MUSICA
## PELA SENHORA SCHUMANN HEINK

**Bach deu desenvolvimento á musica lithurgica**

Bach abandonou altivamente a orchestra da côrte de Weimar em 1717, porque lhe tinham recusado uma promoção a que fazia jús. As autoridades da cidade ficaram molestadas com a sua altivez, de modo que o prenderam e o jogaram no carcere.

A musica da Paixão (musica religiosa) que era tão popular na Allemanha, desde a Edade Media, attingiu o seu maximo desenvolvimento graças ao genio de Bach. As suas Paixões de São Matheus e de São João são os dois typos supremos de musica religiosa.

Quando Bach era um velho, visitou Frederico, o Grande. O rei da Prussia acabava de installar no seu palacio de Potsdam quinze novos pianos. Elle deu ao compositor um thema para improvisar e insistiu em que experimentasse os pianos, um por um.

No fim de sua vida, Bach perdeu a vista. Fôra sempre de grande vontade, e do seu leito, em um quarto cheio de sombras, elle dictava musica até os seus ultimos momentos. O seu espirito creador guardou até o final da vida todo o vigor de outros tempos.

Continúa no proximo numero

Soirée dansante realizada na séde do Sport Club do Recife, commemorativa do anniversario de sua fundação.

# Para theatro e baile

Um lindo vestido de "georgette" e renda azul esmaecido, mangas compridas, decote pequeno... E para grande "soirée". Um dos raros modelos, no genero. E' gracioso, ajusta-se todo á linha do corpo, dá-lhe realce. Haverá quem o queira, assim mesmo ? Haverá quem resista ao gosto de deixar braços e collos a descoberto, mesmo que tal vestido seja extremamente suggestivo ? Seda verde agua para o segundo modelo, cujo "drapé" termina por um grande laço.

■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■

# Para a hora do chá

"Manteau" de velludo de seda, góla de pelle e largas mangas guarnecidas de prégas finas.

"Georgette" côr de tilia para o vestido cuja blusa é toda de babados enviezados. Casaco "beige" e góla chale de "renard" azul.

"Manteau" de "kasha" côr de avelã, enfeitado de prégas nos quadris e nas mangas, um panno solto, nas costas, forma bolero, e "renard" azul para a góla.

## O CANTO DA MINHA PAIXÃO TRISTE

Um dia a minha Sombra vendo-me tão triste a fitar, as pupillas embaçadas, o vazio infinito do meu pensamento, indagou se a tristeza de todos os tristes tinha essa mesma indefinivel expressão de quem contempla a vastidão do deserto...

✣

Acordado do torpor melancolico em que o Poente immerge a alma dos amantes, olhei os contornos da minha Sombra silhuetada no sólo e lhe respondi que a melancolia deliciosamente amargurante de quem vive a ver o cháos do seu EU, provém de quem já fitou o abysmo negro e insondavel de uns olhos profundamente magicos...

✣

A minha Sombra, sentindo o Sol se occultar, por amor á Lua, no occaso, desappareceu, deixanno chão a muda interrogação que proporcionou o ensejo de revelar o meu segredo...

✣

E nunca mais ella falou da minha amargura !

Rio, 24-XI-929

ZANONI

# Academia Petropolitana

(FIM)

papel. E isso ella o faz, como muitas outras cousas em que põe a sua actividade, a sua intelligencia e o seu coração, pelo seu grande amor á cidade, que ella quer ver, cada vez mais engrandecida, mais apreciada, mais digna da reputação que soube merecer.

Digo-o, não porque o tenha recebido em confidencia, mas porque assim o ju'go.

Agora mesmo as placas commemorativas que, na longevidade do bronze, guardarão os nomes gloriosos da Princeza Isabel, Rio Branco e Ruy Barbosa, e assignalarão as casas que uma serviu, por mu'tos annos, de morada occasional daquella que foi chamada a Redemptora, outra do theatro ao remate que se poz ao facto dos mais notaveis da nossa historia, e outra de altura de onde a agu'a desferiu para o mais alto o seu ultimo vôo, placas essas cujo "fac-simile" se apresenta, são um esforço da Academia para realização da idéa lançada pelo jornalista Frederico Carlos e completada pelo Dr. Gloss Veiga, ao mesmo passo que uma prova de quanto é capaz a Sra. Hermes da Fonseca num empreendimento generoso e nobilitante.

ALBA DE MELLO

## "Lingerie"

Viezes e bainhas abertas em "cordonnet" guarnecem de modo gracioso as peças de "lingerie" aqui estampadas.

# FILIGRANA

Quando nós dois nos olhamos,
eu tenho a impressão que nos amamos...

Baila nos olhos negros de você
uma côr mais viva,
uma nuança,
um vislumbre de esperança
que o desejo afaga
e que a vontade accende e que a razão apaga.

Eu tambem (não sei porquê)
quando fico perto de você
emmudeço.
E o meu s'lencio, nos olhos reflectido,
diz tanta cousa que eu não sei falar,
que eu não sei dizer,
que eu tenho medo de revelar.

Uma vez... (por um triz!)
ia d'zendo...
dizendo tudo,
tudo aquillo que o meu silencio diz...
Mas não d'sse. Fiquei gelado.

Mordi o labio, suffocado
de emoção.
Veiu o medo, o receio, o temor...

Que ha entre nós dois que se não peça?

— Amôr?

GASTÃO PEREIRA DA SILVA

Aspecto tomado á porta da igreja da Ajuda após a missa festiva que os amigos e correligionarios do deputado Dr. Eutychio Bahia, mandaram celebrar em acção de graças pelo seu anniversario natalicio.

### O ATTRACTIVO DOS CABELLOS ABUNDANTES

A belleza do cabello contribue poderosamente para o magnetismo pessoal das senhoras como dos homens. Tanto as actrizes como as senhoras da sociedade elegante estão sempre em busca de qualquer producto inoffensivo que augmente a natural formosura de sua cabelleira. O remedio novissimo e usar stallax puro como shampoo por causa do brilhantismo, da suavidade e da ondulação que elle produz no pello. Como o stallax não foi usado nunca, até agora, para este effeito, só o recebem os droguistas em pacotes com sello original, contendo cada um quantidade sufficiente para vinte e cinco a trinta lavagens de cabeça. Uma colherinha das de café cheia dos perfumosos grãos de stallax dissolvido numa chicara dagua quente, é mais que bastante para cada shampoo. Beneficia e estimula grandemente o cabello, além do effeito embellezador que nelle produz.

---

## A sereia de Kerdren

(FIM)

— Cidadão, disse Mazurier, o senhor me contou uma historia sobrenatural. Por minha vez vou lhe contar outra bem menos absurda, e que no emtanto o senhor custará a acreditar... No mesmo dia em que eu chegava a Huelgoat, vindo de Kerdren, visto e sabido por todos os directores, engenheiros e operarios da mina... nesse mesmo dia fui visto em Morlaix! Sim, cidadão, eu mesmo, vestido com minhas proprias roupas, fizeram-me a descripção exacta! Com a minha caixa de pedras que abri diante do cidadão Jacquin, membro do Comité popular de Morlaix! Disseram mais, que mostrei os meus salvo-conductos e que desappareci para estudar os arredores do porto... O cidadão Jacquin affirmou reconhecer-me e eu affirmei que elle fôra victima de algum velhaco... ou que sonhára... Pois um homem de bom senso póde admittir que um qualquer represente o papel de sosia, por motivos desconhecidos e suspeitos, mas que esse sosia possua a minha caixa, as minhas roupas, os meus papeis! Coisas que não abandonei um instante, desde que sahi de Lauderneau! E' imaginação demasiada! Só se eu tivesse o dom de ubiquidade do famoso cura Trentiniac, que dizem na Vendée, ou na Inglaterra, si não estiver mesmo em Paris.

— O cidadão Jacquin é um tolo, e alguem se divertiu á custa delle apresentando um papel qualquer. Esse cidadão sabe lêr? E se sabe lêr, conhece orthographia? Tomou um nome por outro e a caixa de um novelleiro pela de um mineralogista...

— Quiz prender-me e a população chegou a se juntar, debaixo das janellas... Consegui escapar das mãos daquelle imbecil e vou me queixar ao Directorio de Brest.

— Oh! seja generoso! disse o senhor de Kerdren. O seu Jacquin tem boa fé com os marujos do senhor de Guéchy, que confundiram, com certeza, um golfinho com um homem. Mais tarde, o senhor se tornará uma figura lendaria, e farão uma canção... Por hoje cidadão, tome esta cidra, bebamos pela gloria da sciencia mineralogica.

— O senhor tem ainda do famoso licor das Ilhas? perguntou Mazurier. Penso que commetti a grosseria de beber toda a garrafa, na esplendida noite do mez passado...

— Não, a garrafa quebrou-se, — respondeu o senhor de Kerdren.

E com o ar meio louco que tomava ás vezes, poz-se a rir...

---



## NO INSTITUTO DE MUSICA

C. K. T.

Esta collega nunca acaba de ser do Instituto. Isso explica-se muito facilmente. Com a creação da orchestra, — a grande orchestra que, afinal, depois que o maestro Braga começou a dirigir, foi que entrou nos eixos — todas as boas alumnas ficaram sendo figuras indispensaveis da orchestra. A C. K. T. é uma dellas. Primeiro Premio dos mais merecidos, ella não podia deixar de ser incluida entre os bons elementos com os quaes podia e devia contar a batuta de Francisco Braga. Por isso ella, como uma porção de outras collegas, nunca acaba de ser do Instituto. E isso, felizmente para a orchestra, que com os bons elementos de que dispõe, vae ficando cada vez mais afiada — para não dizer afinada...

E' muito interessante a C. Deve ter no sangue uma mistura de sangue allemão com brasileiro. Se eu quizesse melhor explicar o seu nome, poderia fazer a seguinte charada: Não é escura, e descobriu um bacillo que se encontra no xadrez...

E' bonitinha, mas convencida. Tem talento, mas é preguiçosa. Estuda pouco e dorme muito.

Com ella, passou-se um facto engraçado, recentemente. Preparava-se, todas as manhãs, o programma do programma de inauguração do orgão do Instituto. Os ensaios começavam sempre ás 9 horas, mas a C. sempre chegava atrazada. Uma vez, o maestro Braga não poude deixar de interrogal-a:

— Por que se atrazou tanto? Houve alguma coisa?

— Não, senhor, nada.

— Dormiu demais, não?

— Não.

— Então, por que chegou a estas horas?

— Por que não acordei cedo — retrucou ella, já enfiadissima...



---

— Um córte artistico de cabellos.
— Uma ondulação impeccavel.
— Uma tintura garantida.

# A. Fadigas

CABELLEIREIRO DA ELITE
NUMEROSO E OPTIMO QUADRO DE MANICURES PARA AS SENHORAS

**Rua Gonçalves Dias, 16 — 1.° andar**

Telephone C. 4184 — (NÃO TEM FILIAES)

LEITURA PARA TODOS
O melhor magazine mensal, o que mais se presta para os viajantes passar as horas de lazer.

**TEU E' O MUNDO**

INTELLIGENTE LEITOR OU ENCANTADORA LEITORA:

Queres conhecer os meios que te guiarão a conseguir Fortuna. Amor, Felicidade, Exito em Negocios, Jogos e Loterias ? Pede GRATIS meu livrinho "O MENSAGEIRO DA DITA". Remette 500 rs. em sellos para resposta.

Direcção : — Profa. Nila Mara
Calle Matheu, 1924
BUENOS AIRES (ARGENTINA)

Senhorita Zilda da Cunha Bastos

# Os premios d'O Tico-Tico

"O Tico-Tico", a querida revista das creanças, entre os valiosos premios que distribue aos leitores nos seus concursos semanaes, incluiu alguns livros de muito encanto e utilidade para a infancia. Esses livros constituem collecções completas, de 9 e 12 volumes cada uma, das preciosas obras "Encanto e verdade", do professor Thales de Andrade, e "Galeria dos Homens Celebres", do professor Alvaro Guerra. "Encanto e verdade" divide-se em nove volumes, a saber: A filha da floresta — El-rei Dom Sapo — Bem-te-vi feiticeiro — D. Iça rainha — Bella, a verdureira — Tótó judeu — Arvores milagrosas — O pequeno magico — Fim do mundo. "Galeria dos Homens Celebres", do professor Alvaro Guerra, comprehendendo os seguintes volumes: I — José de Anchieta, II — Gregorio de Mattos, III — Basilio da Gama, IV — Thomaz Gonzaga, V — Gonçalves Dias, VI — José de Alencar, VII — Casimiro de Abreu, VIII — Castro Alves, IX — Alvares de Azevedo, X — Fagundes Varella, XI — Machado de Assis, XII — Olavo Bilac. Essas collecções constituem primorosos livros de caprichosa confecção material e foram editados pela Companhia Melhoramentos de São Paulo, que os offereceu para premios d'"O Tico-Tico", demonstrando, desse modo, o zelo e dedicação que, de ha muito aliás, dispensa a todas as manifestações em beneficio da instrucção do povo.



**CINEARTE**

Todas ás quartas-feiras as mais palpitantes novidades cinematographicas.

# Allelulal...

Judas vae ser enforcado.

E ha pela atmosphera ensolarada do meu bairro um fremito de enthusiasmo e de alegria.

A minha rua está repleta de moleques.

Naquelle poste da esquina ha um ajuntamento mais intenso. Espio.

E' uma mulher feita de panno, com uma cara tristonha e abatida.

— A mulher do Judas !...

Essa tem uma bomba de quatrocentão na barriga.

— Não fica nem a palha !

Mais embaixo a scena do suicidio está sendo reproduzida fielmente.

Dependurado por um fio de linha o trahidor de papel de seda vae ser enforcado.

A arvore paciente carrega um mundo de garotos curiosos e irriquietos.

— Já é meio-dia !

— Olha a sereia da "Gazeta" !

Foi um reboliço.

O Judas subiu até em cima e voltou de novo.
Com uma velocidade fantastica.
Mas não era sereia nenhuma.
O garoto tinha-se enganado.

Foi um "fordinho" que passou.
Gargalhadas...

Vive no ar parado a impaciencia da hora...
Olhos escancarados de garotinhos medrosos escondidos por detraz dos portões.

Gritos nervosos de meninas enthusiastas contando para as amigas o tamanho da bomba que o irmão havia comprado...

— Nem o Martinelli fica de pé...
Innocencia.
Felicidade...

Porque a Felicidade é isso :
ig-no-ran-cia...

A gente acredita em tudo quando criança.
A gente fica contente com tudo quando criança.
Agora...

O relogio da matriz deu 12 berros.
E tudo estourou... tudo gritou...

O menininho dos olhos escancarados enfiou palha secca no ouvido.

Tudo exultou... tudo viveu...
A mulher do Judas !...

Foi carregada em triumpho entre labaredas avermelhadas e nuvens de fumaça.

— Ih!! Puzeram gazolina pra burro !
— E ainda tem um pneumatico na barriga...

A arvore ficou toda enfeitada de côres vivas.
Restos do Judas de papel de seda.

Alegria... Felicidade...

O sol por detraz do casario avermelhado parecia um gigante enforcado no céo.

A rua ficou deserta.

Desanimo... Calor...

Apenas lá na esquina, o garotinho dos olhos escancarados procura nervosamente entre os destroços a cabeça fumegante do boneco e, atravessando a rua numa disparada, desapparece heroicamente pelo portão.

FRANCISCO LUIZ A. SALLES.

São Paulo, 19 de Abril de 1930.

Officinas graphicas d' O MALHO